BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM Pires

Nº60 29 de Junho de 2000 **Quinzenal** **Director:** Bruno Ferreira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

Queima em lume brando



Reina a confusão na estrutura da Queima das Fitas 2000. João Couceiro ainda não foi informado pelo secretariado em relação ao dinheiro que foi efectivamente gasto para organizar a festa e os credores já estão a bater à porta. A Queima das Fitas mudou de margem, mas não deixou os problemas.



2º CONCURSO DE BD
A CABRA / DR. KARTOON

Academia

Bolseiros com problemas

Os estudantes Cabo–verdianos têm o pagamento das bolsas atrasado em dois meses. A situação está a tornar–se de tal modo gravosa que há já estudantes que não têm dinheiro para satisfazer as suas refeições diárias ou para pagar a renda de casa.

Página 4

Universidade

Achados arqueológicos

Uma muralha visigótica no Paço das Escolas? Foi iniciado um processo de investigação arqueológica no local no sentido de descobrir o património que ali repousa. As escavações já começaram, embora seja ainda impossível apresentar qualquer género de conclusões.

Página 5

Presidente da Comissão Central da Queima das Fitas em entrevista

"Não faço a mínima ideia

Reina a confusão na estrutura da Queima das Fitas 2000. João Couceiro ainda não foi informado pelo secretariado em relação ao dinheiro que foi efectivamente gasto para organizar a festa e os credores já estão a bater à porta. A Queima das Fitas mudou de margem, mas não deixou os problemas.

João Couceiro, presidente da Comissão Central, fala acerca da Queima das Fitas 2000. Por altura do balanço da festa da academia de Coimbra o comissário de Direito confessa que não tem informações no que diz respeito à actual situação financeira e reconhece que o actual modelo de organização não funciona.

Como correu a Queima das Fitas 2000?

Acho que temos que enquadrar esta Queima das Fitas (QF) numa conjuntura muito específica, porque foi um ano em que as dificuldades foram muito grandes.

Em primeiro lugar mudou toda a equipa de secretariado, o que, sem desprimor para essas pessoas, fez com que elas não tivessem a experiência suficiente para lidar com certas situações.

Depois o próprio calendário fazia com que a Queima das Fitas tivesse que estar pronta na primeira quinzena de Abril, para se venderem os bilhetes gerais antes das pessoas irem para férias e também para começar a publicitá–la, gerindo melhor a situação. Não podia ser tudo em cima da hora. Isto fez com que nós tivessemos de antecipar todos os nossos trabalhos, mas como se viu, houve coisas que uma semana antes ainda não estavam prontas, que três dias antes também ainda não estavam, que mesmo no próprio dia ainda não estavam prontas (o parque ia abrir na sexta–feira e ainda não havia luz).

Ainda por cima, uma semana antes do início da queima faleceu a Mónica uma das minhas colaboradoras, o que abanou a estrutura e me abanou a mim pessoalmente.

Para além de todas estas dificuldades nós tivemos que fazer tudo. A mudança de local fez com que tivessemos de fazer tudo de novo, fomos nós que tivemos de, pela primeira vez, autonomizar e maximizar o espaço em que iria decorrer o evento. A nova localização também não apresentava as melhores condições...

Como é que decorreu esse processo de readaptação ao novo espaço? Nomeadamente em relação ao propalado problema da vedação?

No início pensava–se em não pôr uma vedação, eu falei com o presidente da Câmara [Manuel Machado] e ele realmente viu e concordou connosco que era melhor uma vedação, pois era um ano de adaptação...

E em relação aos outros problemas do recinto, uma vez que ele ainda não estava acabado?

Nós levantamos ondas de mais com a câmara municipal e isso, na minha opinião, funcionou a desfavor da Queima das Fitas, por causa da publicidade negativa que se ia passando. Esta foi uma daquelas asneiras provocada pela falta de experiência. Nós deviamos ter ficado calados e ter tratado deste assunto diplomaticamente. No entanto eu era um representante de uma equipa e não podia pôr a minha maneira de pensar à frente da das restantes pessoas, nós tinhamos de ter uma posição única e optou–se por essa posição, que não era muito pacífica e que funcionou a nosso desfavor.

Em que sentido?

A publicidade que ia para fora não era nada boa, as pessoas chegavam e diziam 'aquilo é só lama, o que é que eu vou lá fazer'. Na minha opinião até tinhamos umas bandas atractivas, só que se calhar não eram o mais comercial possível para conquistar as pessoas, o que fez com estas pensassem 'vou ver aquela banda, não vou gostar muito, ainda mais apanhar com lama, não estou para isso'. Acho que foi nesse sentido que funcionou a nosso desfavor, foi por isso que veio cá menos gente.

Que tipo de apoios é que a Câmara Municipal de Coimbra deu à Queima das Fitas 2000?

Material logístico e recursos humanos.

E apoio financeiro?

Eu estava a pensar pedir um apoio à câmara para participar nos custos do revestimento do recinto, a dita casca de pinheiro, mas não pedi ainda porque não me foi dito quanto é que tinha custado. Não me disseram. Eu perguntei a várias pessoas da Queima das Fitas quanto é que custou, mas ninguém me disse nada! Eu penso que foi à volta de 4500 contos, mas não tenho a certeza, por isso não posso pedir nada. Quem pagou o revestimento foi a Queima das Fitas e obviamente que eu iria pedir ao senhor presidente da câmara a sua participação, mas ainda não tenho dados, não o posso fazer. Alías como ainda não tenho dados sobre quase nada.

Guerra de guerrilha

Como é que foi o relacionamento da comissão central, quer com o secretariado, quer com a comissão fiscalizadora?

Na minha opinião entramos um pouco a matar, eramos inflexíveis com certas coisas que se calhar eram pequeninas, e não nos apercebiamos de outras coisas que poderiam estar a acontecer que eram mais importantes para a queima. Entrámos numa guerra de guerrilha.

Porque é que essa "guerra" começou?

Não só por certas atitudes, mas também por causa dos conselhos que nos tinham dado, muitas pessoas vieram ter connosco e nos disseram para termos cuidado. E aí nós já fomos de pé atrás, o que não beneficiou a relação. Às tantas começámos a pensar que era melhor termos calma, que era melhor não entrarmos em mais guerras porque tinhamos uma queima para fazer. Acho que engordamos um pouco e fizemo–nos barões, deixando passar muita coisa. Era a atitude que me guiava a mim. As asneiras sucediam–se, toda a gente sabe que foram grandes, quer a nível dos convites, quer a nível da própria logística. Por exemplo, no Sábado à noite, eu e o Comissário do Parque estavamos no parque para resolver problemas, e tinhamos de ir para o Baile e não estavam lá as pessoas indicadas para resolver esses problemas.

As pessoas do Secretariado?

Sim.

E em relação à comissão fiscalizadora?

As relações foram melhores. Mas acho que a comissão fiscalizadora nos podia ter dado um pouco mais a nós, podiam–nos ter ajudado em certas coisas.

Achas que este modelo de organização da Queima das Fitas é o melhor?

Não, está todo minado. E isto não pode continuar assim por muito mais tempo. Supostamente somos nós, comissão central, o orgão deliberativo por excelência, que projectamos como queremos a Queima. Mas isso não acontece, porque para passar cheques são precisas duas assinaturas, a do secretário geral



"O parque ia abrir na sexta–feira e ainda não havia luz"

Foi um ano em que as dificuldades foram muito grandes

Eu estive ausente três dias e quando voltei deparei–me com realidades completamente novas, que eu, por enquanto, não quero especificar

A mim devem–me dinheiro, mas também o que é que eu hei–de fazer...

como é que aquilo está"

e a do tesoureiro, mas na minha opinião devia ser também o comissário do respectivo pelouro, porque, por exemplo, eu não sei o que é que foi gasto do meu orçamento, não sei. Acho que devia haver um maior controlo.

E em relação à composição dos orgãos?

A fiscalizadora para mim devia ter o presidente da Associação Académica de Coimbra, o presidente do Conselho Fiscal, um representante do Conselho Cultural e um representante do Conselho Desportivo. Relativamente aos dois representantes do Conselho de Veteranos, não concordo com a sua participação, não em termos pessoais porque eu até me dei bastante bem com as pessoas, na medida do possível. Acho que o Conselho de Veteranos é única e exclusivamente para a praxe, não tem que participar em nada termos de contas.Acho também que o presidente da assembleia Magna devia ter assento e um revisor oficial de contas que seria nomeado. Na minha opinião a AAC deveria ter um papel mais interventivo na organização da QF.

Muitas vezes afirma–se que quando os comissários tomam posse muitas das coisas já estão decididas. Sentiste isso?

Eu acho que as coisas já estão projectadas, como as pessoas vão querer que as coisas se passem. Somos nós que deliberamos, mas não somos nós que organizamos, quer concursos, quer fornecimento de bens, quer fornecimento de serviços, e as coisas já estão mais ou menos projectadas, nós já nos deparamos com uma realidade encarreirada para determinado sítio.

E isso causa algum tipo de suspeição?

Causa.

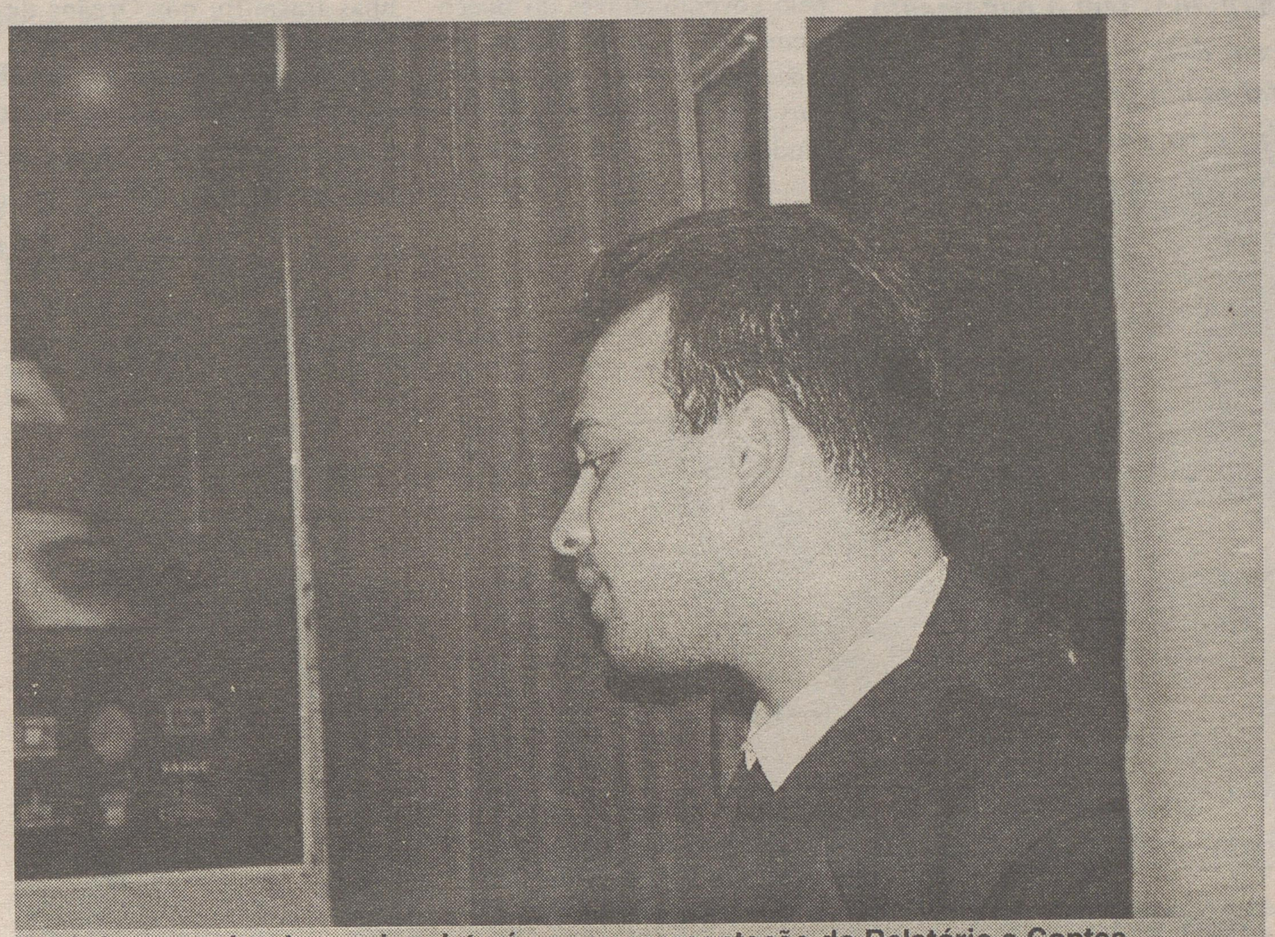
Alguma vez te sentiste ultrapassado pelos acontecimentos?

Senti. As coisas passaram–me completamente ao lado. A partir do falecimento da Mónica as coisas começaram–me a passar ao lado, comecei a ver tudo a acontecer e pensei: calma, não foi nada disto que nós tinhamos planeado. Eu estive ausente três dias e quando voltei deparei–me com realidades completamente novas, que eu, por enquanto, não quero especificar.

Balanço final

Nesta QF o que é que foi negativo?

Há orçamentos meus, aprovados pela Fiscalizadora, que



"A única maneira de resolver isto é com a apresentação do Relatório e Contas

pelo que sei, e soube-o por acaso, porque um dia me telefonaram a dizer 'olhe estão aqui umas facturas para pagar de tal' e eu nem queria acreditar porque a decisão, tomada à minha revelia, fez com que o valor orçamentado fosse ultrapassado em mais do dobro!

Achas que vai ser aprovado um Relatório e Contas da Queima das Fitas 2000?

Tem que ser aprovado!

Mas os das últimas duas queimas não foram aprovados, nem tornados públicos.

Mas este é uma questão de honra. Eu quero que saia o Relatório e Contas. Quero estudá–lo, quero vê–lo, porque quem não deve não teme.

Consta que têm existido determinadas dificuldades em efectuar pagamentos, nomeadamente a pessoas que trabalharam na Queima e até no pagamento do policiamento da Praça de Touros da Figueira da Foz?

Há duas pessoas que passam cheques, e neste momento são essas duas pessoas que mandam. Ou passam, ou não passam. E agora o que é que se vai fazer, demitir essas pessoas, se calhar isso era o que certas pessoas queriam...

Isso não tem nada a ver connosco, nós comissão central não podemos fazer nada, não mexemos em dinheiro, nem podemos, eu nem quero mexer em dinheiro. É grave haver entidades públicas que tinham confiança em nós, e que têm de continuar a ter, às quais não estão a ser feitos os pagamentos devidos. Em relação a pagamentos pessoais, a mim devem–me dinheiro, mas também olha o que é que eu hei–de fazer...

A única maneira de resolver isto é com a apresentação do Relatório e Contas para nós sabermos com que linhas é que nos cosemos. Porque eu não faço a mínima ideia como é que aquilo está. Não faço, não me dizem nada. As coisas passam–me ao lado. Fico expectante em relação às contas, espero que seja apresentadas pelo tesoureiro e pelo secretariado administrativo e financeiro.

O Baile foi uma vergonha

Em relação ao evento em si o que é que destacas de bom e de mau?

Outro dos pontos menos bons foi o Baile de Gala. Para mim aquilo foi uma vergonha, uma vergonha. Não sei se já foi pago, se não foi pago, mas eu não pagava.

Como é que se processou a escolha da organização do Baile de Gala?

O processo foi um bocado esquisito. Nós tomámos uma decisão escolhendo uma determinada empresa de decoraçãom mas essa empresa depois porque não lhe era enviado o contrato, acabou por desistir. Depois essa decisão que foi aprovada pela fiscalizadora não surtiu efeito uma vez que o contrato ficou uns tempinhos numa gaveta, não se sabe de quem, acho que de alguém da própria fiscalizador. A culpa, neste caso, não foi inteiramente do secretariado. Já que a empresa que nós tinhamos escolhido acabou por desistir, tivemos de escolher outra, que, como faltava pouco tempo para o Baile, se calhar não foi assim tão boa escolha.

Quanto ao jantar, nós escolhemos um jantar e essa decisão foi vetada pela fiscalizadora. Ou seja esta empresa que serviu o jantar não era a escolhida pela Comissão Central, foi a fiscalizadora que acabou por decidir. Acho que isto deve ficar bem claro, porque o jantar, ainda mais que a decoração (que não estava assim tão mal) teve graves falhas.

Foram–te comunicados os motivos do veto?

Foi vetada a decisão porque era mais cara, não significativamente, mas era mais cara.

E pontos positivos?

Acho que o palco RUC (Rádio Universidade de Coimbra) esteve muito bem. Mesmo as noites do parque correram bem, tirando aquele incidente do senhor da pipocas que andou aos tiros. As noites estavam animadas e a casca de pinheiro até deu mística aquilo, a mística que tinha perdido em mudar de margem. Até havia gente que se rebolava na lama...

Bruno Ferreira

A nova localização também não apresentava as melhores condições...

Acho que o Conselho de Veteranos é única e exclusivamente para a praxe, não tem que participar nada em termos de contas

É grave haver entidades públicas que tinham confiança em nós, e que têm de continuar a ter, às quais não estão a ser feitos os pagamentos devidos

Estudantes Cabo–Verdianos em dificuldades económicas

O drama das bolsas atrasadas

Os estudantes Cabo–verdianos têm o pagamento das bolsas atrasado em dois meses. A situação está a tornar–se de tal modo gravosa que há já estudantes que não têm dinheiro para satisfazer as suas refeições diárias ou para pagar a renda de casa.

As verbas referentes às bolsas concedidas pelo governo cabo–verdiano aos estudantes no exterior do país estão em atraso, o que já levou a algumas movimentações de contestação estudantil em Coimbra. Perante o silêncio das autoridades, os estudantes exigem uma explicação e prometem não ficar de braços cruzados.

O atraso tem origem numa situação de alguma debilidade financeira que atravessa a economia de Cabo–Verde. Porém, os estudantes exigem uma explicação acerca das razões das falhas pois quem sofre são os estudantes no dia–a–dia: "há estudantes que estão a ser postos fora das suas habitações", denuncia Gaudino Cardoso, bolseiro mestrando em Estudos Africanos na Universidade do Porto. Apesar de algumas bolsas já estarem a ser pagas, não estão a ser saldados os dois meses de atraso e os dias de pagamento têm sido alterados o que faz com que já alguns estudantes abdiquem de algumas refeições, "há colegas nossos que só comem uma sopa e que pedem 300 escudos emprestados frequentemente para poderem comer", acrescenta José Euclides, estudante de Arquitectura na Universidadede Coimbra que, apesar de não ser bolseiro, convive com amigos que sofrem no quotidiano as consequências.



Bruno Ferreira

"O Governo deve–nos uma explicação"

A bolsa em questão provém indirectamente do estado cabo–verdiano, uma vez que se trata de um empréstimo concedido pelo governo através do Banco Comercial do Atlântico aos estudantes que após terminarem o curso serão deduzidos nos seus rendimentos de modo a reembolsar o total da verba da bolsa.

Razões escondidas

Os estudantes já tiveram a oportunidade de se manifestarem no início de Junho aquando do Doutoramento Honoris Causa de António Mascarenhas, Presidente da República de Cabo Verde. O eco chegou ao chefe de estado e António Mascarenhas trasmitiu nos Orgãos de Comunicação Social a sua preocupação e segundo os nossos interlocutores "prometeu fazer mover as suas influências de modo a resolver o problema".

As acções de contestação, porém, já tinham sido encetadas através do envio de uma carta aberta ao Governo. Ao não obterem nehuma resposta, os estudantes consideram que " há uma falta de respeito para com as pessoas. " Se nos dissessem as razões pelas quais não podem pagar nós compreenderíamos", afirma Gáudino Cardoso indignado com a indefinição dos compromissos estabelecidos.

As verdadeiras causas do atraso no pagamento das bolsas , apesar das verdadeiras causas desta situação não serem muito explícitas, pressupõe toda uma conjuntura política, económica e social que se encontra em crise. "Apesar do nosso país ser um país pobre, entendo que tem recursos" começa por argumentar Gaudino Cardoso que idetifica problemas no Tesouro do estado Cabo–verdiano até porque os próprios funcionários públicos estão a ter atrasos no pagamento dos seus salários. Nos meandros estudantis tem–se levantado suspeitas acerca de desvios ou fracassos financeiros do estado que ao coincidirem com o início das falhas no pagamento das bolsas leva os estudantes a relacionar os dois factos.

As acções futuras de contestação terão em conta a ideia de "não por em causa a imagem de Cabo Verde e não prejudicar nenhum cabo–verdiano" e terão como objectivo pugnar pela transparência da situação financeira do país. A esperança dos estudantes reside na possibilidade do Ministério Público de Cabo Verde vir a investigar as irregularidades de modo a que sejam tomadas medidas para inverter a situação.

José Carlos Santos

Campeonato Nacional Universitário

Os nossos campeões

Perto do fim de mais uma época do Campeonato Nacional universitário (CNU) é altura de fazer balanços. A época 99/00 não correu muito bem à Associação Académica de Coimbra (AAC), onde o ponto negativo foi a quebra do basquetebol feminino, que perdeu o título de campeã nacional após onze anos de hegemonia.

A AAC teve esta época uma prestação modesta mas, como sempre, marcante no desporto universitário nacional. Apesar de algumas secções se terem ficado aquém das expectativas e potencialidades, a principal causa de alguns títulos perdidos foi mesmo o facto de algumas provas coincidirem com a Queima das Fitas, o que levou à falta de comparência de alguns atletas. É que durante a Queima os estudantes preferem outro tipo de "desporto"...

Assim, comparativamente à época 98/99, este ano aumentou o número de participantes nas diferentes competições, verificando–se uma crescente procura, contrastando, contudo, com o número de campeões nas distintas modalidades, que se viu reduzido. Deste modo, a renovação do título de campeão nacional universitário, na categoria de colectivos, apenas coube ao Basquetebol masculino, que, orientado por Alfredo Robalo, derrotou a Associação de Estudantes da Faculdade de Motricidade Humana (AEFMH) durante as fases finais dos campeonatos nacionais universitários (CNU) disputadas em Vila Real. Para além das dificiuldades impostas pelo adversário, a equipa da AAC teve ao longo de todo o torneio a desvantagem de apenas ter deslocado a esta cidade seis jogadores. Mesmo assim, os conimbricenses conseguiram revalidar o título conquistado o ano passado no Porto.

A grande desilusão deste campeonato foi o Basquetebl feminino, afastado da final pela primeira vez na história dos CNU, pondo assim um fim à sua hegemonia. A AAC era, na história das provas organizadas pela Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), cem por cento vitoriosa, arrecadando todos os onze títrulos disputados. A autora de tal proeza foi a Associação Académica da Madeira (AAUM), que bateu nas meias finais as estudantes conimbricenses por 59 - 72. No entanro, a AAC ainda trouxe para casa o terceiro lugar no CNU. No Vólei, as coisas também não correram lá muito bem. Apesar da boa campanha nos torneios de apuramento, onde o vólei masculino venceu o Torneio da Covilhã e o feminino o Tornei ode apuramento de Viseu, ambas as equipas foram eliminadas na segunda fase da competição, deitando por terra muitas expectativas relativas à sua performance na prova.

Nas competições individuais, a surpresa veio do Ténis com Dominika Gureaka a sagrar–se campeã nacional universitária ao serviço da AAC.

Na Orientação, a AAC conquistou um merecido segundo posto, pela mão de Bruno Nazario.

Quanto à Escalada, Pedro Pimentel ascendeu e garantiu o terceiro lugar na prova para a equipa da casa, conquistando assim a melhor classificação de sempre.

A Mário Teixeira coube a felicidade de se sagrar campeão nacional universitário na modadlidade de Corta–mato. Este atleta contou ainda com uma participação internacional no 12º Campeonato Mundial de Corta–mato, que decorreu na Alemanha, e de onde arrancou um oitavo posto em representação da FADU.

A nível do atletismo, Sandra Almeida conquistou o título de campeã universitária de pista nos cem metros, renovando, deste modo, o título nacional conquistado na época transacta.

Também no atletismo, desta vez em pista coberta, Cláudia Gameiro renonovou o título de campeã nacional em salto em altura para a AAC.

Hugo Afonso
Rui Pinto

Junho 2000

Escavações arqueológicas na Universidade de Coimbra

Arqueólogos procuram muralha

Perante a possibilidade da existência de uma muralha visigótica no Paço das Escolas, foi iniciado um processo de investigação arqueológica no local no sentido de descobrir o património que ali repousa. As escavações já começaram, embora seja ainda impossível apresentar qualquer género de conclusões, uma vez que estas se encontram ainda numa fase inicial.


Márcia Oliveira

Prospecção arqueológica no Pátio da Universidade: o fim do estacionamento?

Os primeiros vestígios de objectos com interesse arqueológico foram encontrados aquando das escavações efecuadas naquele local em função da construção da estátua D. João III.

Tendo tomado conhecimento desta descoberta, na sequência da elaboração da sua tese de doutoramento, António Filipe Pimentel, historiador de arte, cruzando esta com outras informações adquiridas, desenvolveu esforços no sentido de descobrir o espólio arqueológico que se encontra soterrado naquele local.

Perante a enorme compreensão da reitoria relativamente a este caso, os trabalhos começaram em Dezembro pela mão de uma empresa alemã que veio a Portugal com o intuito de realizar prospeções geofísicas no terreno antes de partir para as escavações propriamente ditas. Estas encontram–se agora na sua fase inicial, tendo começado no dia 12 de Junho, sendo por isso ainda muto cedo para conhecer resultados concretos. Segundo a professora Helena Catarino, arqueóloga que tem a cargo a coordenação das escavações, "estamos numa fase em que acabamos de colocar a proveta no lume, e ainda nem sequer chegamos à fase de colocar os ingredientes necessários para a experiência".

No entanto, começam já a aflorar, no decorrer da investigação, alguns vestígios históricos, como disso são exemplo alguns muros, calçada e exemplares de espólio móvel.

Os dados que se conhecem da primeira descoberta no Paço das Escolas apontam no sentido de uma muralha visigótica que ali se possa eventualmente encontrar. Nas palavras de António Filipe Pimentel "estas informações são muito vagas e, quando falamos de uma muralha visigótica, esta pode ser árabe, da Alta Idade Média ou romana", pelo que é, de momento, impossível afirmar alguma coisa com certezas e precisão.

As escavações, decorrem com o apoio financeiro da Fundação Caloute Gulbenkian e, sobretudo da Reitoria da Universidade de Coimbra (de onde se salienta o papel do vice–reitor Seabra Santos). Tendo começado com alguma urgência em função da tese de doutoramento pela qual foi proposta, como também em função da disponibilidade das pessoas que nela participam, a sondagem que está a ser efectuada irá decorrer, provavelmente, até fins de Julho, no sentido de verificar a importância do espólio existente no local. A continuação das investigações numa fase posterior está dependente das conclusões retiradas deste processo.

Entretanto, António Filipe Pimentel, salienta o factor de interesse e a pedagogia de uma investigação com estas características na Universidade de Coimbra, afirmando que se trata de uma acção "mais criativa do que estacionar carros", referindo ainda a importância histórica e patrimonial daquele espaço que, assim, encontra destinos muito mais nobres do que aqueles para os quais tem sido utilizado.

Márcia Oliveira

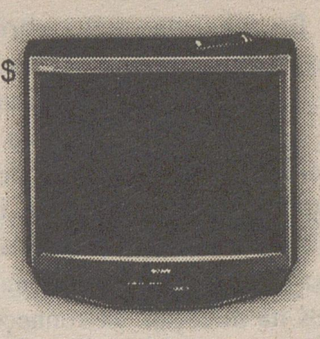
PUB


Máquinas Fotográficas
Desde 490$


Óculos de sol
Desde 990$

CASH™
CONVERTERS
COMPRAMOS VENDEMOS

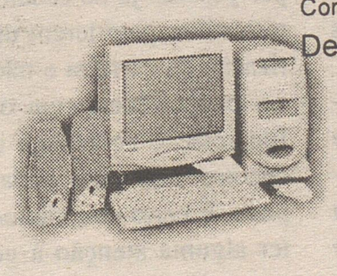
Televisores
Desde 9 900$



COMPRAMOS NA HORA E A DINHEIRO


CD´s de música
Desde 500$

Computadores
Desde 24 900$

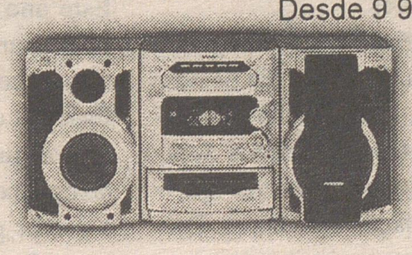


A melhor forma de vender
Um grande lugar para comprar

Líder mundial no comércio de artigos em segunda mão


Consolas
Desde 4 500$

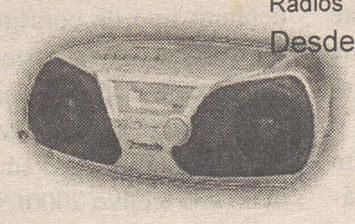
Aparelhagens de HI-FI
Desde 9 900$

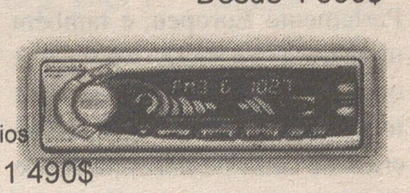


Fax
Desde 9 900$



Rádios
Desde 490$




Auto-rádios
Desde 1 490$

Segunda a Sábado
das 10h00 às 19h30
(excepto feriados)

Rua Dr. António José de Almeida, 36 Tel: 239 84 26 34/5 Fax: 239 84 26 36

Recém-eleito presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito

"Achei que tinha obrigação"

O novo Presidente do Conselho Directivo da FDUC esboçe nesta entrevista as prioridades em relação ao curso de Direito, afirmando que goatria de ver realizado o projecto da biblioteca ainda este ano e que esta faculdade valorize a alta da cidade. Lopes Porto dá ainda a sua opinião acerca do novo curso de Administração Pública.

Manuel Lopes Porto, ex-deputado europeu, com um longo percurso académico assume agora a liderança do Conselho Directivo da Faculdade de Direito. Deixa-nos aqui as suas impressões sobre o que já está feito e o que falta fazer.



Pedro Correia

Destacam-se três prioridades na Faculdade de Direito

Qual foi o seu percurso antes de se tornar Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito?

Eu sou, como é sabido, do ramo de Ciências Económicas. Comecei em 1965, altura em que dava aulas práticas de Direito Fiscal e via pontos de Finanças. Depois fui fazer o Serviço Militar, durante três anos, após o que regressei à Faculdade, leccionando as disciplinas do 3º ano, na altura Economia II e Direito Fiscal.

Estive depois a preparar o grau em Inglaterra, em Oxford, e quando voltei dediquei–me mais à Economia Política do 1º ano e, simultaneamente, a cadeiras de pós–graduação.

Depois passei a dar o mestrado de Integração Europeia. Além disso sou o iniciador, e mantive–me sempre como responsável pelo curso de Estudos Europeus.

Porque aceitou este desafio de ser Presidente do Conselho Directivo da FDUC?

Eu achei que tinha obrigação. O meu colega e antecessor, Dr. Avelãs Nunes estava cansado. Ele não se disponibilizou para continuar e eu achei que devia assumir o encargo. Aliás, isto para mim não é uma novidade, uma vez que já estive quatro anos na direcção. Já conheço a mecânica da casa, pelo que já sabia com o que podia contar.

Pretende manter as suas actividades de docência durante o seu mandato como presidente do Conselho Directivo?

Mantenho todas. Eu estive durante 23 anos a exercer outras funções, que não académicas. Antes de pertencer ao Parlamento Europeu estive presente na Comissão de Coordenação da Região Centro, durante 13 anos, e mantive sempre aqui a docência. Depois estive dez anos no Parlamento Europeu, e também mantive a docência. Agora tive outros convites, mas rejeitei–os todos e aceitei a direcção porque era uma coisa de intervenção, de que eu gosto, e porque não poderia haver nenhuma opção mais conciliável com a docência do que esta. Nos últimos 13 anos para mim foi uma pena não poder dedicar–me às minhas funções, que são as funções académicas.

Em relação às médias há uma certa "forretice"

Foi uma pena, nos últimos treze anos, não me ter dedicado às funções académicas

Reformas em direito

Mas se fez esta escolha, rejeitando outros convites talvez até mais aliciantes do que este, é porque tem um projecto específico para este mandato...

Tenho. Na minha opinião as últimas direcções fizeram um trabalho formidável. Mas há prioridades em cada Conselho, e eu destaco três.

A primeira é a valorização da licenciatura. Hoje em dia os nossos alunos, quando vão concorrer ao Centro de Estudos Judiciários estão em plano de igualdade em relação aos outros. Portanto, tudo o que seja criar condições mais favoráveis para a licenciatura será a prioridade das prioridades.

Depois temos uma segunda prioridade, que são as pós–graduações. A verdade é que mesmo quem se licencia em Lisboa, no Porto ou nas privadas, vem a Coimbra tirar uma pós–graduação, e isso para nós é altamente honroso. É uma abertura e um serviço à sociedade que a Faculdade não pode enjeitar. Isto quanto à parte informal. Na parte formal, temos de cuidar daquilo que é da lei, que são os mestrados e os doutoramentos. Este ano começámos um curso para doutoramentos. Fizemos isto porque estavam a fazê–lo em Espanha e em outros países com menos qualidade que aquela que nós poderíamos dar e estávamos a perder pessoas altamente enriquecedoras para nós.

Em terceiro lugar há o problema das instalações. E aí há duas prioridades. Em primeiro lugar, os alunos. Um exemplo desta nossa preocupação é o novo anfiteatro. Tenho ainda outra ideia, que não sei se é exequível, mas posso dizê–la, que é fechar os gerais. Os gerais são ao ar livre, ou chove ou há calor, não têm qualquer vantagem. A ideia é transformar aquilo num jardim de Inverno com mesas para estudar. E há ainda outra razão: na faculdade há um sistema de ar condicionado que nunca na vida funcionou, e não pode funcionar, porque as portas abrem para os gerais, que são ao ar livre.

Depois há ainda outra questão, que é básica para mim, que é a da biblioteca. Nós temos um riquíssimo património de livros, mas distribuído por corredores, becos e fechado à chave. Ora, uma biblioteca hoje em dia é de acesso livre e directo. Isso já está encaminhado.

E onde será colocada essa biblioteca?

Será no espaço da Faculdade de Farmácia [da Universidade de Coimbra (FFUC)]. Esta irá para o Pólo III e passa para nós o Palácio dos Melos, que fica como está. E o resto será desmantelado, será tudo escavado. O que estou a tentar fazer é que a biblioteca, em vez de ser só na FFUC, seja toda aberta, passando pela sub–cave dos gerais até ao fundo do Palácio dos Melos. Assim, haveria um espaço grande, que confinaria com o Paláco dos Grilos, que poderia ser aproveitado.

Depois há ainda uma outra vertente que nós temos de promover, que é a questão das cooperações, a todos os níveis. Desde logo cooperação com as outras faculdades de Coimbra, uma vez que não tem sentido nenhum não haver aqui uma cooperação estreita.

Até aqui tem sido mais na pós–graduação, todavia mesmo durante a licenciatura contamos alargar essas relações.

Houve algumas vozes críticas que se levantaram contra o facto de a FDUC não ter passado para o Pólo II. Concorda com essas vozes ou prefere o actual espaço da faculdade?

Há duas razões básicas porque este espaço é sem dúvida melhor. Em primeiro lugar, este edifício e a zona toda têm uma mais–valia que mais nada em Coimbra tem. O edifício era o Palácio Real e por isso tem um interesse histórico extraordinário. Depois a beleza que tem a zona e os seus edifícios conquista qualquer pessoa, tendo também um elevadíssimo interesse arquitectónico.

Em segundo lugar, nós temos de nos preocupar com a Urbe. Ora, manter uma faculdade desta natureza valoriza e anima a Alta da cidade. É uma responsabilidade que temos com Coimbra.

O relatório do Conselho Directivo anterior mostra, sobretudo nos primeiros anos da licenciatura, um reduzido índice de aproveitamento. O Conselho Directivo actual vai, de alguma forma, procurar resolver este problema?

De facto são os conselhos Pedagógico e Científico os órgãos mais atentos a esse tipo de problemas. Pelo nosso lado vamos, como disse, valorizar o mais possível a licenciatura. Esses números são assustadores e realmente haver um pequeno aproveitamento não é um bom indicador. Em relação às médias dos alunos que terminam há uma certa "forretice", coisa que antigamente não acontecia porque, fosse qual fosse a média, havia sempre emprego. E em Lisboa não dão muito melhores notas, o problema pode é pôr–se em relação às privadas, que dão de facto melhores notas.

Em relação ao curso de Administração Pública, de que muito se tem falado nos últimos tempos, em que pé é que as coisas estão?

Bom, ele já foi aprovado em Senado por larguíssima maioria. Houve algumas reservas por parte dos alunos, nomeadamente em relação às melhores condições que o curso teria, de que é exemplo o horário pós–laboral. Devo dizer que pessoalmente sou a favor da existência desse regime em Direito já há muito tempo. Mas compreende–se este regime no novo curso porque este vai ser procurado maioritariamente por pessoas já de cadeiras administrativas para terem uma valorização da carreira e não vai haver concorrência com o Direito. Em relação ao espaço onde vai decorrer não estou nada preocupado. É certo que vamos ter que ter alguma atenção à gestão do pessoal, mas estou convencido que ambos os cursos podem funcionar aqui na Faculdade sem nenhum tipo de conflito. Todavia, não podemos correr o risco de começar mal e portanto, para podermos planear as coisas como deve ser, o curso só começará no ano lectivo 2000/2001.

Pedro Correia
Cecília Santos



A Banda Desenhada está a granjear a simpatia de cada vez mais portugueses. A força da mensagem que esta arte consegue transmitir é demasiado imanente para ser ignorada. A segunda edição do Concurso de Banda Desenhada de Coimbra deu a mostrar os talentos que se firmam na nona arte, sob a forma de novas concepções de criação artística e narrativa.

Memorium ad eternum

RUI MESSIAS (ESCALÃO) — PRÉMIO



2º Concurso de BD

A Prova d'Água

Apartir do primeiro dia de emprego compreendemo-nos muito melhor. Começamos a pintar juntos e eu não sentia mais a obrigação de trabalhar por dois.

Ainda era inverno e chovia constantemente. Lembro-me de uma vez ler um livro onde um casal rompia um longo relacionamento ao observar a chuva. Ela chorava imenso e as lágrimas confundiam-se com as gotas da chuva. Enfim, aquilo parecia não sobreviver á água. Entretanto a chuva pára e as lágrimas secam. Eles continuam juntos.

ISABEL HARTCOURT
2º PRÉMIO (EXEQUADO)

2º Concurso de BD

" Os versos quentes partem,



Estou aborrecida.
É só mais um ciclo igual a tantos outros.
A existência é monótona... Porque estamos aqui? Porque migram os versos?

Ai ai,
estes pensamentos filosóficos

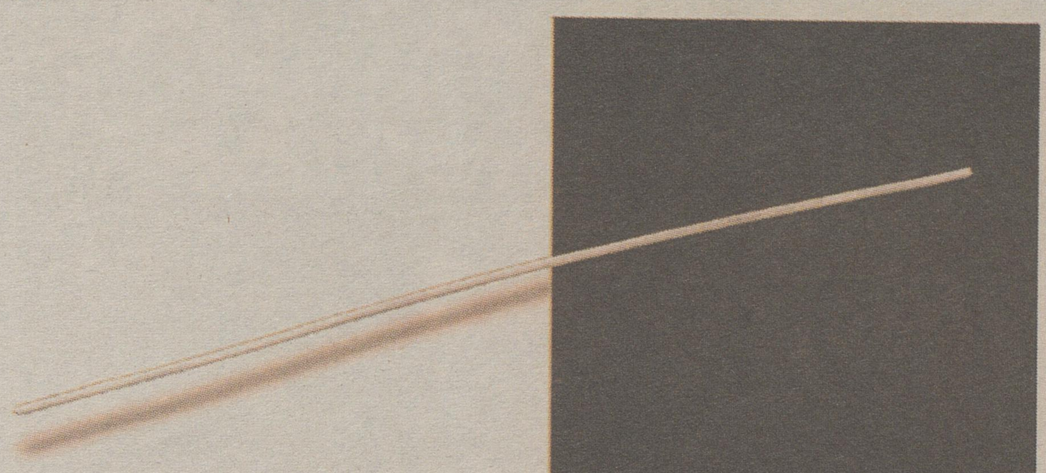


xpto

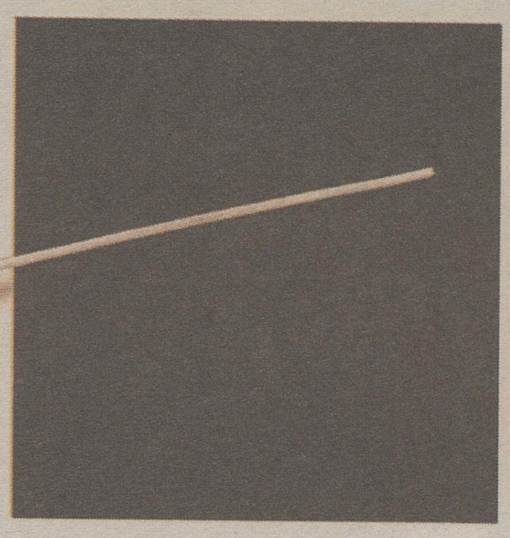
NUNO FRAGATA
3º PRÉMIO (I ESCALÃO)

2º Concurso de BD

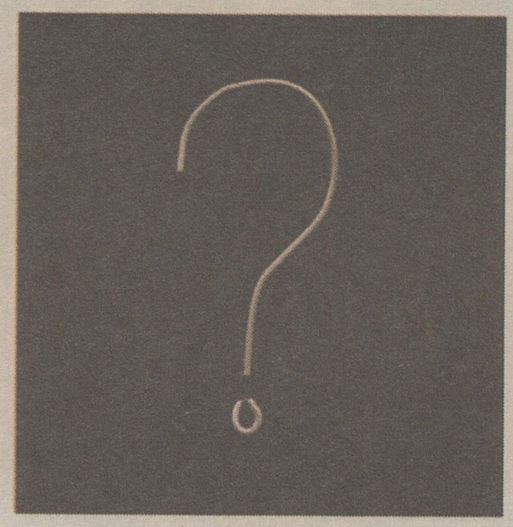
arame farpado



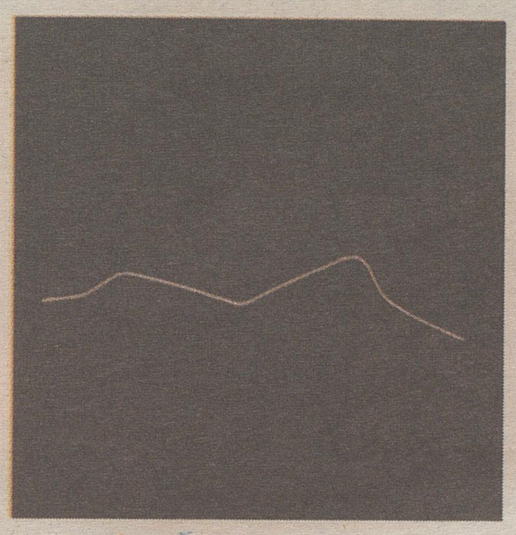
Um arame,



fechado num quadrado.

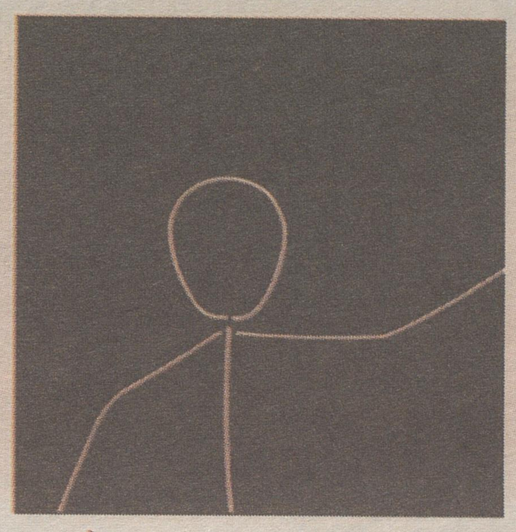


que fazer ?

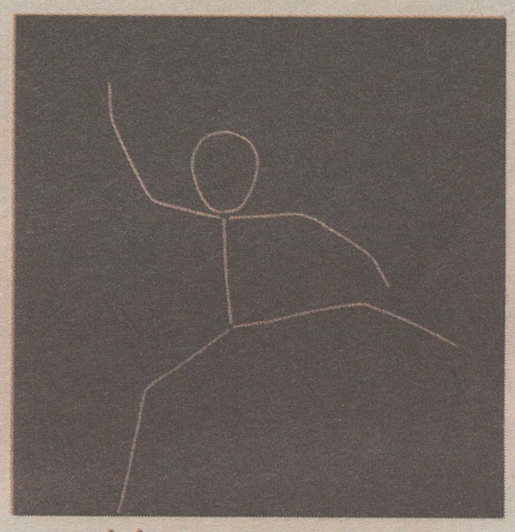


-tinha a vantagem de ser:

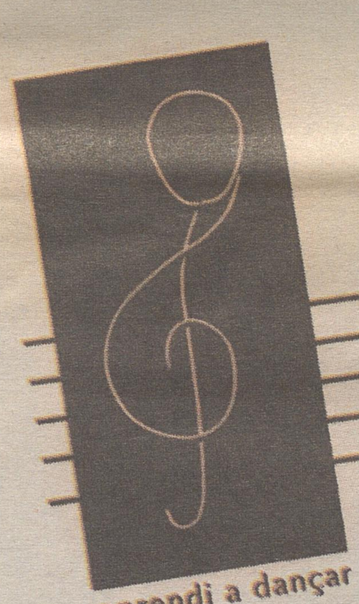
facilmente maleável...



pelo menos por enquanto...



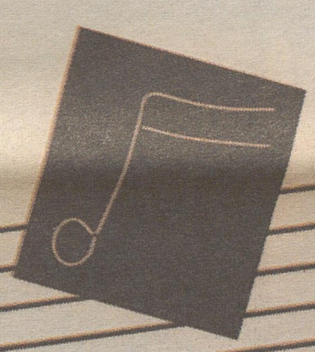
- dobrava-me, torcia-me

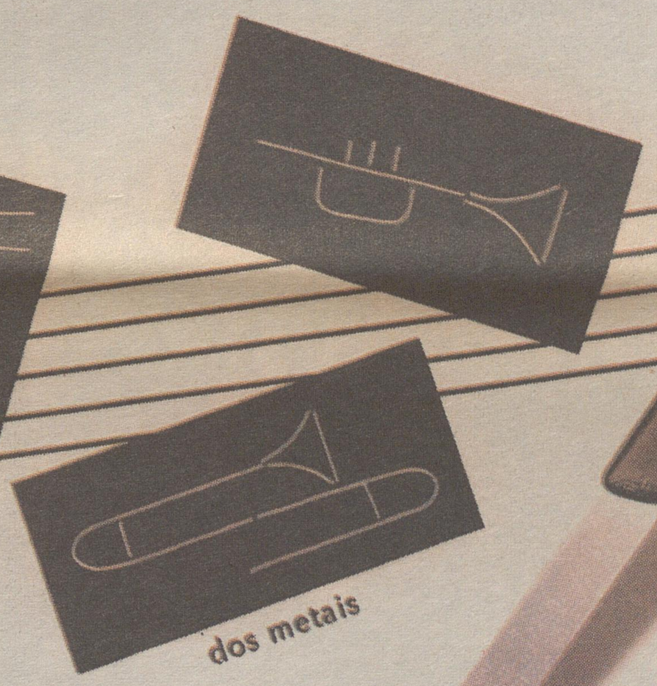


aprendi a dançar



ao som da música



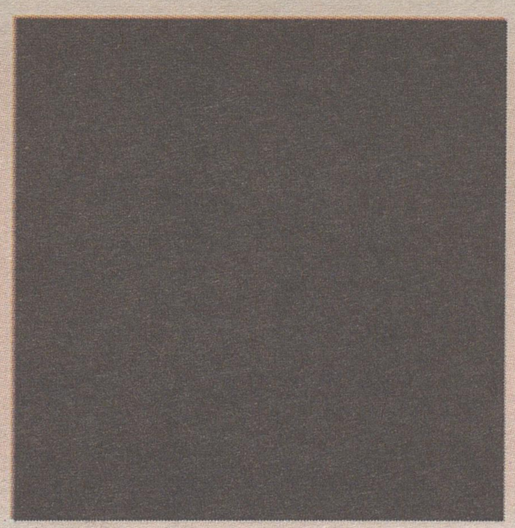


dos metais

FFFSSSSSsSs S SST



rrrRRrRrugindo



corrRrtando o Silêncio como...



Fa



cas

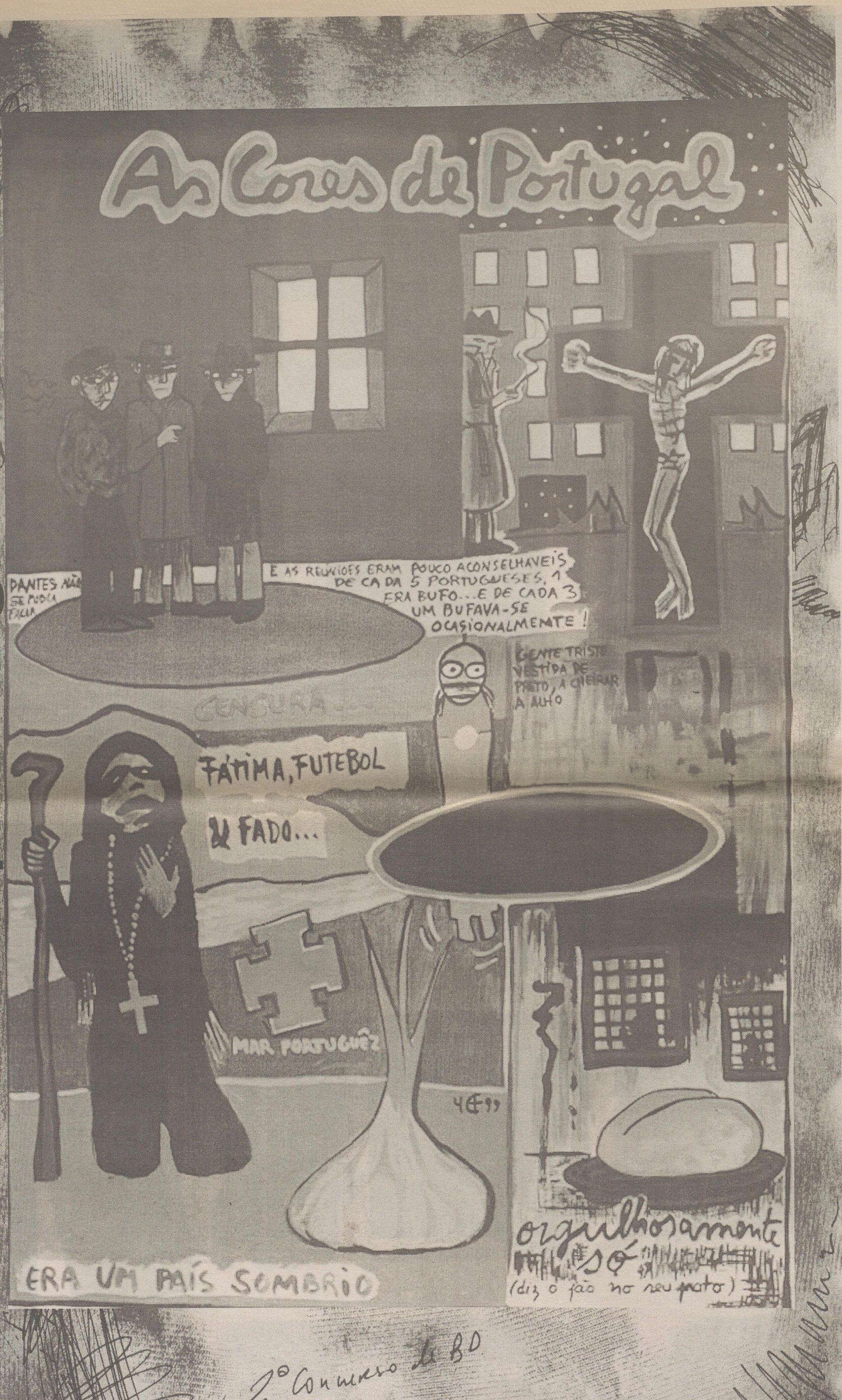
CLÁUDIO F. TRINDADE
1º PRÉMIO (ILUSTRAÇÃO)

2º Concurso de BD

As cores de portugal

TERESA PESTANA

2º PREMIO (II ESCALÃO)

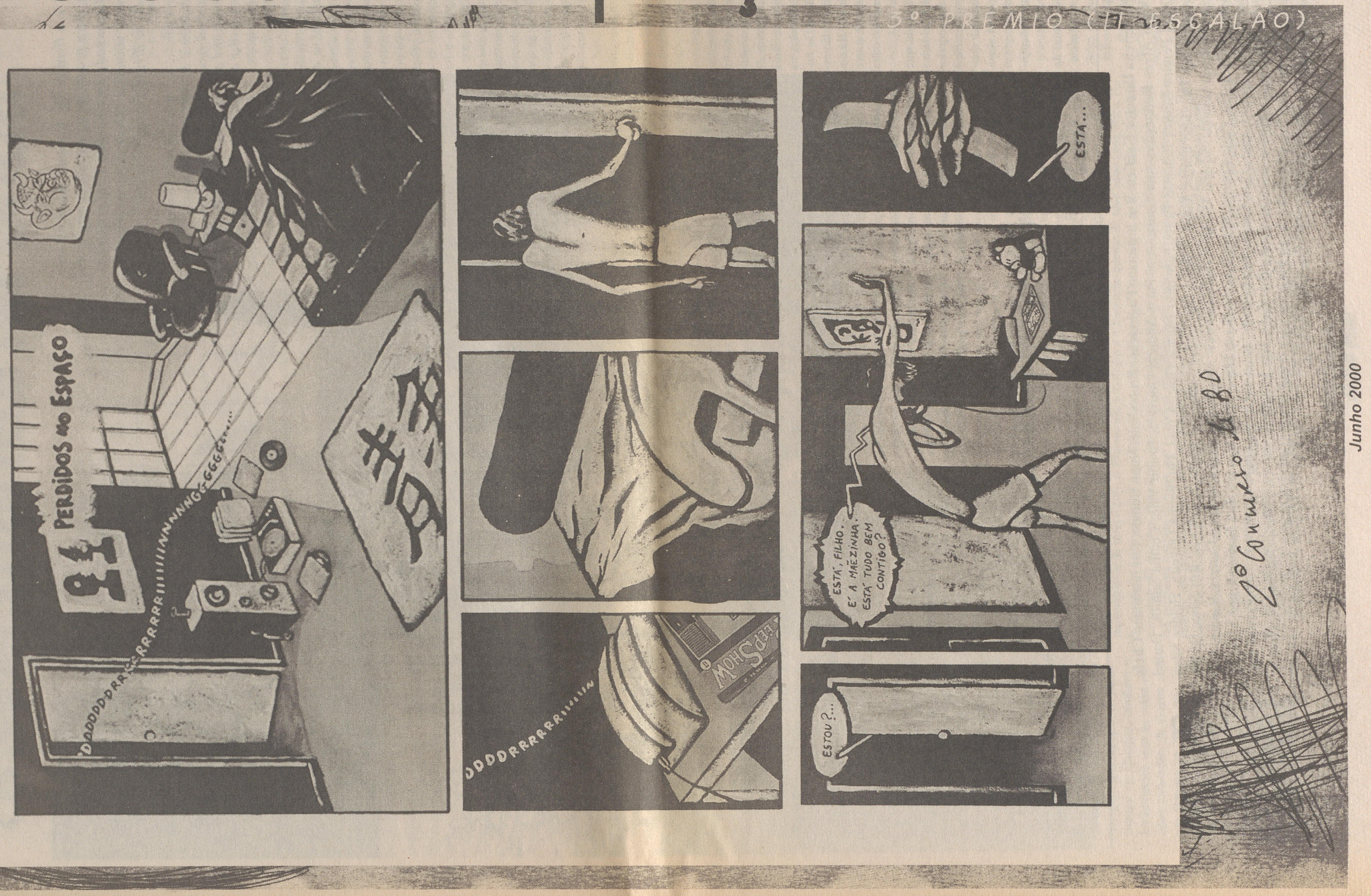


Junho 2000

perdidos no espaço

JOSÉ FEITOR E LUÍS LUÍS

3º PRÉMIO (EL PASSALAO)


PERDIDOS no ESPAÇO
DDDDDRRR

Uma arte em ascensão

Coimbra aos quadradinhos

A CABRA e a livraria Dr. Kartoon reuniram–se, de novo, para promover o segundo concurso de Banda Desenhada em Coimbra. Com este evento, que se pretende anual, a cidade arrisca tornar–se um excelente pólo de divulgação da nona arte.



Bruno Ferreira

Rui Messias e Cláudio Trindade, vencedores do I e II escalões



Rui Justiniano

O júri do II Concurso de Banda Desenhada A Cabra/Dr. Kartoon

Na sua primeira edição, o concurso contou com cerca de trinta trabalhos, um número considerável para uma iniciativa do género. Neste ano, e apesar de ter havido menos participações, o júri composto por Adeodato Valente Pinto (membro da Direcção Geral da AAC), Helder Silva Dantas (representante do Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra), João Miguel Lameiras (crítico de Banda Desenhada), José Mesquita (advogado) e Marco Moura (vencedor da primeira edição) considerou positivo o balanço do certame.

Marco Moura apontou a fraca divulgação da iniciativa e o facto de os prémios ainda não serem muito aliciantes como causas do número inferior de concorrentes. Contudo, julga que não se trata de um desinteresse do público e que "quem participou queria entrar de alguma maneira no mundo da BD."

Em relação aos critérios utilizados na escolha dos vencedores, este elemento do júri explicou que, basicamente, avaliou–se "a qualidade do texto aliada ao rigor estético" e constatou que, nos dois anos de existência do concurso, o argumento foi sempre a parte menos conseguida dos trabalhos. Em termos de grafismo, verificou–se uma "grande melhoria" embora, na opinião de Marco Moura, as faixas etárias para cada escalão estejam mal estabelecidas: "Há um contraste muito grande entre uma pessoa de dezasseis e outra de vinte e cinco anos".

Moura lembrou ainda que uma das maiores dificuldades sentidas por ele no ano anterior foi o limite de espaço: "É difícil meter uma boa história em quatro páginas. Seis páginas é já um bom número e o mesmo o prazo de entrega é, agora, perfeitamente acessível".

Quanto à situação actual da Banda Desenhada a nível nacional, o vencedor da última edição do concurso defende que eventos como o Festival da Amadora e o Salão Lisboa constituem impulsos importantes para o país e que a sua crescente qualidade tem, sem dúvida, atraído tanto o público português como o estrangeiro. Todavia, "existe um longo caminho a percorrer. Aqui, a BD ainda está a dar os primeiros passos".

A divulgação do nome dos vencedores e entrega dos prémios teve lugar no foyer do Teatro Académico Gil Vicente às 18 horas do dia 23. Tal como na edição anterior, os trabalhos dos felizes contemplados serão incluidos numa publicação da responsabilidade do Jornal Universitário A CABRA e da livraria Dr. Kartoon. Esta última será o local onde, a partir de 1 de Julho, estarão expostas todas as obras a concurso.

Gosto nacional

No dia do veredicto final do Concurso de Banda Desenhada em Coimbra, A CABRA conversou com os primeiros classificados de cada categoria numa tentativa de os conhecer melhor e às suas motivações. Um facto curioso é que ambos são repetentes nesta recente iniciativa que já atrai pessoas do resto do país.

Rui Branco Messias venceu o terceiro prémio no ano anterior. Contudo, afirma que a sua participação não foi uma espécie de desforra: "Participei por participar. Considero os concursos um incentivo importante para quem gosta de BD" A sua maior barreira foi o tempo que escasseou com os exames, estudo e umas aulas que leccionou. "Acabei por ter de fazer tudo à pressa." Ídolos? Muitos. No que diz respeito a influências, refere alguns nomes entre os quais Joe Madureira (luso–americano), Alberto Varanda e Hugo Pratt. No final, Rui Messias confessa que se pudesse viver de BD, não hesitaria.

Num escalão superior, Cláudio F. Trindade, que também havia participado na primeira edição, reitera o argumento do "gosto pela BD" como motivo do seu contributo no concurso. Vindo de Portalegre, o jovem de vinte e cinco anos tomou conhecimento da iniciativa porque estudou cinco anos em Coimbra. Cláudio Trindade confessa, todavia, que prefere fazer ilustração já que um contacto mais sério com a nona arte surgiu há apenas três ou quatro anos. As suas preferências oscilam entre "Asterix e Corto Maltese." Atenção aos novos nomes da BD!

João Vaz Silva

LISTA dos VENCEDORES

Escalão I (dos 16 aos 25 anos)

1º Prémio
"Ad Eternum Memorium" - Rui Branco Messias
2º Prémio
"À Prova de Água" - Isabel Hartcourt
3º Prémio
"XPTO" - Nuno Fragata

Escalão II (a partir dos 25 anos)

1º Prémio
"Arame Farpado" - Cláudio F. Trindade
2º Prémio
"As Cores de Portugal" - Teresa Câmara Pestana
3º Prémio
"Perdidos no Espaço" - José Feitor e Luís Luís

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Vale, Nuno Curado, Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Sérgio Alves **Redacção:** Ana Laura, Ana Pais, Andréia Gouveia, Bruno Vale, Cecília Santos, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Eduardo Brito, Fernando Nunes, Graça Costa, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Vaz, José Carlos Santos,Leonor Tato, Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão, Ana Sousa, Cátia Cabrita, Filipe Vicente, Nuno Dias, Paulo Teixeira, Rui Correia,Tiago Marques **Fotografia:** Renata Pimenta, Nuno Curado, Rui Simões **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 966337197 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Publicações académicas na internet

Universitários na onda

Pelas teclas da World Wide Web (WWW) encontra–se de tudo um pouco. A Cabra também entrou na onda e foi procurar jornais universitários e outras publicações académicas on line que, tal como o Jornal Universitário de Coimbra, colocaram o seu jornal à disposição de milhares de cibernautas.

Muitos são a reprodução fiel da edição em papel. Outros apresentam secções dedicadas apenas à net onde qualquer pessoa pode intervir. E ainda há os que apresentam páginas com muitas opções para além do jornal propriamente dito: apostam principalmente nos links e outras informações. A Cabra foi visitar alguns deles.

A viagem começou pela Universidade do Algarve. Em http://www.ualg.pt/estudantes/canudo/index.html está o Canudo ONLINE. Disponíveis estão cinco edições do jornal. A última data de Outubro de 1996. Ainda assim é possível passear pela página que apresenta, a abrir, um destaque ao curso do mês: Biologia Marinha e Pescas. Dado que o número é de Outubro, em plena época de recepção aos caloiros, o Canudo dá as boas vindas a todos eles dando–lhes a conhecer a Universidade para onde vêm. Além disso deixam uma frase que sempre dá que pensar: "Ser caloiro é como deixar de ser virgem! Só se é uma vez na vida".

Quem passear pela página vai encontrar tópicos dedicados à Universidade, à cultura, ao desporto. Para além de links para diversas associações, o Canudo tem Tretas & Tangas, Insóbrias e um outro olhar para a ... "vida de cão".

Um pouco mais para Norte, em Lisboa e em http://alfa.ist.utl.pt/~dif/ encontra–se a página do jornal da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, o Diferencial. Segundo os seus autores esta é uma publicação que "abrange principalmente os temas relacionados com o IST e o Ensino Superior, mas não vira costas às questões importantes da sociedade. É um jornal, sobretudo, para cidadãos". À semelhança do Canudo, também o Diferencial tem as suas edições atrasadas. A última saiu em Janeiro de 2000, mas disponível apenas o número 24 de Dezembro de 1998. Neste número um dos destaques vai para o dossier sobre as 17 licenciaturas do Técnico vistas pelos alunos: "O objectivo dos artigos é, espelhar as opiniões dos próprios alunos - foi, sobretudo, à conversa com eles que elaborámos este dossier especial sobre as licenciaturas do Técnico. (...) Queremos assim dar um olhar o mais isento possível sobre esta matéria, ao mesmo tempo que tentamos fornecer informações úteis sobre cada curso a todos aqueles que ainda estão nos primeiros anos". Para quem quiser comparar com o que se faz por Coimbra.

Economia, música, produtos transgénicos. Estes são temas que também mereceram destaque.

Links úteis

Mas a página do Diferencial não é apenas a sua edição em papel. A acrescentar o jornal da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico apresenta um conjunto de sugestões que passam pelo Cybercine e por informações úteis sobre escolas, bibliotecas, bares e discotecas. Além disso, visitar "alguns links interessantes" pode revelar–se muito útil. Para além de uma lista de motores de busca, o Diferencial privilegia as páginas dedicadas à informação. Ao lado dos jornais nacionais, também se encontram jornais universitários.

Foi assim que A Cabra descobriu o Quelhas, uma publicação da Associação de Estudantes do Instituto Superior de Economia e Gestão. Em http://www.terravista.pt/Meco/1477 pode–se visitar o número 22 do Quelhas. Um jornal dedicado ao tema "Paradoxos" e que destaca também temas como a Cultura e a Sexualidade. Para além de um conto e de poesias, têm um opinário. O tema em discussão era sobre a legalização das drogas. Por sua vez, na secção das Polémicas o assunto era o estudante universitário, num artigo intitulado "A sociedade Portuguesa e a situação universitária".

E para não destoar, já que o Quelhas é feito por estudantes de Economia e Gestão, também existe uma parte dedicado à Economia, onde problemas actuais são discutidos. Quem quiser participar na edição, pode enviar os seus próprios textos de opinião.

Mudando de área, mais exactamente para as Letras, em www.os–fazedores–de–letras.pt, encontra–se alojado o jornal da associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Para ler encontram–se vários textos disponíveis que abordam assuntos diversos: desde Timor Leste à praxe académica, passando pela Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior. Os Fazedores de Letras não deixam de lado, como seria de esperar, a poesia, a prosa, a veia poética dos seus colaboradores: "A nossa verdade absoluta: Não basta estar em Letras... é preciso fazê–las".

Mas não só de Letras vive a página. Além de ter um fórum de discussão sobre temas tão diversos como o humanismo e o associativismo juvenil, também se pode encontrar aqui uma página de classificados onde se podem encontrar e oferecer quartos mas também explicações, traduções.

Um concurso literário é aqui divulgado. Para os interessados o prazo já acabou, mas é aberto a todos os alunos do ensino superior. A última edição é de Maio de 1999, no entanto, Os Fazedores de Letras apresentam motivos para se pesquisar nesta página. Por exemplo, através do "Navegar em Letras" é possível encontras links para páginas de escritores portugueses de Eça de Queirós a José Saramago não esquecendo o Padre António Vieira. Além disso links de trabalhos científicos mas também de poesia e de literatura infanto–juvenil.

Em linha também motores de busca portugueses e brasileiros.

Estas são apenas algumas das páginas de jornais universitários disponíveis na internet. Para uma listagem mais completa, no endereço www.chivag.freeservers.com/cvg.htm, em "imprensa académica" é possível encontrar outras publicações para além destas.

Sónia Martins



Publicações académicas à disposição do mundo

Portal universitário éférreá

Não é um jornal universitário mas o ensino superior é o objectivo desta página. De acordo com os seus autores, o "Éférreá é um espaço interactivo, de acesso livre, onde se pretende acolher toda a informação de interesse para os estudantes universitários e pré–universitários". Constituído por estudantes universitários de todo o país, o Eferreá não privilegia a informação apenas de uma zona geográfica. Pelo contrário, em www.fra.pt é possível ficar a saber notícias da Universidade do Porto tal como da Universidade do Algarve. Para além de notícias relativas a bolsas e a alguma actualidade nacional, o Eferreá apresenta também dossiers que se podem revelar bastante úteis. Por exemplo quem estiver a pensar realizar um inter–rail, este portal universitário fornece links para "a melhor viagem de sempre" e também "dicas úteis para quem se prepara para conhecer a Europa, não dormir, comer mal, tomar banho esporadicamente e divertir–se até mais não".

A interactividade é um dos objectivos da página. Por isso, quem tiver inspiração suficinte pode enviar os seus contos, prosas e poesias para a área das Ficções. No tema Emprego, a página ajuda a preparar uma carta de recomendação ou o curriculum vitae. Mas também fornece moradas para quem quer trabalhar em part time ou para quem está interessado em fazer o seu estágio no estrangeiro.

Na secção de Recursos on–line destaque para as Pós–Graduações, Mestrados e Doutoramentos.

Director de "Subversões" define a sua visão sobre Teatro.

"Os estudantes são analfabetos"

Com um "olhar honesto", mas subversivo, Carlos Curto conversou com "A Cabra" e mostrou o seu desagrado face ao teatro institucionalizado e o carácter consumista da Cultura vigente em Portugal

Sob o tema da falência das ideologias, o director da mais recente peça do CITAC avançou com a sua apreciação sobre "Subversões" e o teatro universitário.

O texto na qual a peça se baseia é de Rui Zink. Podia–me falar um bocadinho sobre a história?

Não é bem uma história. É mais um contexto. É uma visão sobre lugares-comuns, mas um bocado "under" e daí chamar–se "Subversões". Subversões no sentido em que subverte as versões e ao mesmo tempo "sub" em que é por baixo das versões. As versões têm um duplo sentido neste caso, onde são coisas que podem ser perspectivados de qualquer maneira.

Que tipo de olhar é que adopta?

Da nossa parte é um olhar honesto. É um olhar de quem tenta estar o mais fora possível de um sistema de consumo. Ou seja, nós consumimos mas temos a consciência do que é que consumimos e quem é que nos consome. É por isso que é honesto.

Como director, o que é que vai valorizar no texto?

Como isto é feito em conjunto, não há aquela dinâmica em que o encenador chega, agarra no texto, faz uma leitura dramatúrgica do texto e dá–lhe umas voltas. Na peça, conversamos sobre um tema em geral - o tema da falência das ideologias.

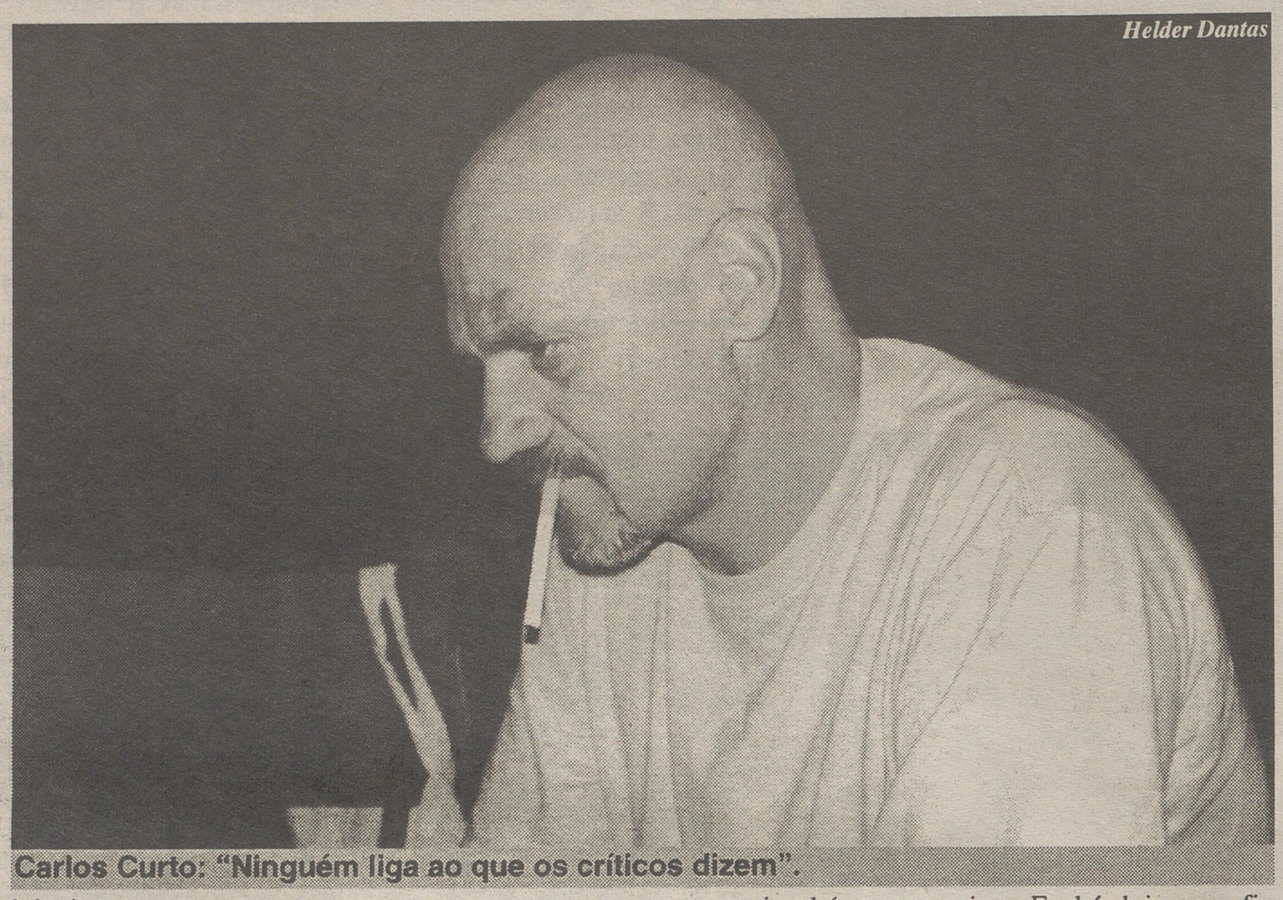
Como é que tem sido a relação com este grupo?

Eu gosto de estar aqui. Gosto de trabalhar com estudantes em geral, ou melhor, com esta faixa etária. É sempre um processo mais ou menos complicado porque os estudantes estão aqui para estudar. Não estão aqui para fazer Teatro. Coordenar estas coisas pode ser complicado. O teatro, tal e qual eu o concebo, não tem férias da Páscoa, não tem esse tipo de coisa. E há aqui um bocado dessa tirania universitária que se sobrepõe ao trabalho teatral.

Tirania universitária

O que acha do teatro universitário que é feito aqui em Coimbra?

Temos basicamente dois grupos de teatro. O Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e o CITAC. É um dado adquirido que o primeiro é mais conservador. É um dado adquirido que o CITAC, há trinta anos, entrou em ruptura. Não por um ser mais vanguardista, ou mais experimentalista. Eu pessoalmente, não tenho pachorra para ver teatro com pretensões eruditas. Putos novos a fazerem de velhos. Nem desculpabilizo por serem estudantes. Para mim, as grandes questões no Teatro Universitário são o depois. O que é que acontece depois das pessoas saírem da Faculdade. E de facto, a Escola da Noite é fruto do TEUC. As Visões Úteis é fruto do CITAC. Neste momento há um novo grupo que está a surgir e a vingar que é o projecto "Buh!". Isso é que é a mais valia deste tipo de teatro.



Helder Dantas

Carlos Curto: "Ninguém liga ao que os críticos dizem".

E os actores da peça, estão a corresponder ao desafio?

Creio que sim. Estão motivados e há tanto trabalho colectivo como individual. Portanto, tudo está a correr bem.

Agora como encenador, que papel pretende desempenhar perante os actores?

Eu tento transmitir conhecimento que foi adquirindo ao longo do tempo. Mas não um ensinar absoluto porque também aprendo com eles. Aprendo com toda a gente.

E quando é que separa as águas entre o director e o membro de um grupo em que há uma certa à vontade?

À partida, eu nem sequer ponho essa hipotese. Eu sou profissional nesta questão. Nem com pessoas com quem vivo há essa hipotese. o meu trabalho está acima de tudo. Está acima de mim. É uma forma de vida. Portanto, não é apenas um emprego. Quanto a isso, não há problema.

Tem tido algumas dificuldades em levar à cena a peça?

Há sempre dificuldades iniciais. Porque, é preciso criar sintonias, dinâmicas de grupo. E enquanto isso não é criado, há sempre divergências e opiniões diferentes. O que também é saudável. Neste caso, em que os actores são amadores e não vivem disto, a coisa tem de ser feita por consenso. Não é como o teatro profissional em que encenador "manda" e os actores "fazem", como numa empresa.

Há pouco, referiu as diferenças de estilo dos dois grupos de teatro universitário. Mesmo assim, não acha que é saudável existir esta diversidade?

Acho que sim. Mas isto são coisas de meninos como tudo o que se passa aqui na Academia. A Rádio é a brincar, pois não pagam direitos de autor. A política é mais a sério porque eles passam de aqui a vão para as "jotas". Aqui, as coisas passam–se assim. Eu há dois anos fiz um espectáculo, o "Gog!" em que o TEUC também participou. Portanto, a tradição da rivalidade mantém as coisas vivas.

A nível geral, como é que encara o teatro que é feito em Portugal?

Acho que neste momento, há tentativas dispersas de incorformismo em relação ao teatro institucionalizado. Porque este tipo de teatro criou barreiras - como todas as outras artes - e deixou de ser teatro, de ser Arte. Uma peça deixou de ser um objecto artístico e passou a ser artesanato. Cumpre regras pre–estabelecidas, regras caducas e que falham na comunicação. Mas, eu tenho esperança que esta nova geração de actores consiga encontrar novas formas de linguagem e de comunicação. E essa história do público e do povo, é uma treta. Porque realmente, um povo inculto como é o nosso, com estudantes cuja maioria são anafalbetos funcionais, não pode estar predisposto a aderir a movimentos artísticos. Basicamente, são consumistas. Os directores das companhias institucionais e as companhias de teatro discutem o que o povo entende e o que não entende. E isto é um acto fascista. Porque o povo não tem de entender nada. O povo tem de sentir, tem que haver sentimento.

E qual é o papel do crítico no meio disto tudo?

Se formos analisar em rigor o que os críticos de teatro dizem, nós vemos que são gostos pessoais. São comparações com cinquenta anos - "Antigamente é que era bom". Para já, ninguém liga ao que os críticos dizem, ninguém dá crédito. São comprados. E quando digo comprados, não digo em termos de suborno. São comprados pela vida, pelas neuroses, pelas psicoses. São indivíduos completamente endividados perante a vida e perante preconceitos. Não dou crédito a nenhum deles.

Reaccionarismo obsoleto

Como espectador de teatro, que tipo gosta de apreciar?

Eu não gosto de teatro. Ou pelo menos aquilo que as pessoas dizem ser "O Teatro". Eu gosto de espectáculo. É o que dizia o mestre Almada [Negreiros]. É aquilo que se sente quando se vê uma letra do tamanho de um prédio, ou um ecrã minúsculo. Desde que haja realmente comunicação. Em relação a mim, já me disseram que faço "teatro de imagem" ou "teatro estético". Mas isto é dito como defeito, não como característica. Lamento é ter de aceitar essas pessoas como colegas de profissão, porque acho o reaccionarismo uma coisa obsoleta e ultrapassada.

Mas não tem nenhum estilo ou autor preferido?

Não tenho. Já vi coisas fantásticas e tanto faz se são pessoas conhecidas ou desconhecidas. Tento mesmo não ser consumista e tento manter uma certa ilusão da lucidez quanto à Cultura e à Arte. Sobretudo neste país que é muito propenso à fraude. Há gente que só existe neste país e quando dão um passo para além de Portugal, deixam de existir porque sai fora do âmbito do consumo.

Tem algum projecto a breve prazo?

Como actor, estou a fazer uma série para a televisão neste momento chamada. "Febre do Ouro Negro". Tenho mais dois filmes e outros espectáculos. É muita coisa. Não estou desempregado. Mas antes de acabar, desde a primeira vez que eu venho trabalhar para a Associação Académica em 1995, eu gostava que alguém me explicasse, claramente, como é que uma Academia tem um teatro com uma gestao completamente alheia aos interesses da casa.

Helder Silva Dantas

Porque realmente, um povo inculto como é o nosso, com estudantes cuja maioria são anafalbetos funcionais, não pode estar predisposto a aderir a movimentos artísticos

Caleidoscópio de personagens no novo trabalho do CITAC

A subversão das normas

A partir de um texto de Rui Zink, fez -se "Subversões". Aqui, a encenação da raça humana prolonga–se para além das vivências de um grupo de pessoas que se denotam pela sua diversidade. Uma peça que mistura as classes sociais, num caldo efervescente de personagens em crise.

A última peça do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) estará em cena, no Auditório do Instituto Português da Juventude (IPJ) em Coimbra, a partir do dia 10 de Julho. Contextualizado num mundo actual, o texto, da autoria de Rui Zink, representa o que este grupo denomina "as figuras do século". "Subversões" apresenta um humor irónico, tipicamente "zinkiano".

O trabalho evidenciado num dos ensaios da mais recente encenação do CITAC - comandada por Carlos Curto - dá indícios de um retrato homogéneo de personagens o mais diversificados que se possa imaginar. Estes têm em comum somente a situação desesperada a que chegaram e os traumas que a vida lhes inflingiu.

Vidas povoadas de erros e de errâncias em que o egoísmo narcisista, latente em toda a sociedade, toma conta das acções das personagens. A peça tem o cunho de um espectáculo circense, na medida em que o desfilar de personagens variadas nas situações que pontuam o dia–a–dia nos dá essa mesma impressão. Porém, a verdade é que esta obra teatral é um dos possíveis retratos da nossa sociedade. O humor da peça apresenta tons irónicos e cáusticos e que é a verdadeira cor das pessoas. Estas que se ostentam perante os nossos olhos quotidianamente e que resulta na criação, inconsciente ou não, de estereótipos e preconceitos.

Rotinas e obsessões

O tema principal em foco é o dos confrontos sociais que estão a afectar o rumo da sociedade dos nossos dias. De acordo com o texto da sinopse, cada vez mais, o Homem deixa de ter tempo para pensar na sua identidade real, no seu projecto de vida, na sua qualidade humana. Consequentemente, entram em confronto directo "o público e o privado, o lixo e o luxo, a vazio e o desvario".

O título da peça remete para aquilo que que afecta a sociedade e a "subverte". Uma sociedade "moderna", fruto da rotina na qual as pessoas acabaram por cair. A rotina da agressividade, da repressão social, do endividamento, da obsessão sexual, e por aí adiante. Uma das personagens acaba por gritar: "Nós, a humanidade, somos obcecados".



Helder Dantas

Ensaio para a peça que poderá ser vista a partir de 10 de Julho

O director, Carlos Curto, esclarece que existe realmente uma "falência das ideologias" e que esta está a influenciar o 'modus vivendi' da humanidade actual. Já na terceira parceria com o CITAC, pois também levou à cena duas peças anteriores - "3000 Verecunnia" e "Gog!" - Carlos Curto salienta a diversidade das personagens que compõem a peça.

O elenco é composto por nove actores que encarnam algumas das personagens que habitam os lugares da vida. Quanto à banda sonora original e a operação do som, está a cargo de Paulo Furtado, dos Wray Gunn.

"Subversões" estará em cena entre os dias 10 e 13 de Julho no Auditório do IPJ e conta com subsídios de diversas entidades, nomeadamente o Ministério da Cultura, a Fundação Calouste Gulbenkian, a Câmara Municipal de Coimbra e a Reitoria da Universidade de Coimbra.

Helder Silva Dantas

Estreia nacional deverá ser em Coimbra

Rasganços...

As filmagens da primeira longa–metragem de Raquel Freire, "Rasganço", começaram este ano na noite da Serenata Monumental da Queima das Fitas. Em declarações a "A Cabra", esta realizadora revelou a sua alegria de fazer filmes e revelou alguns pormenors sobre a sua obra.

O desejo de fazer cinema esteve sempre nos desígnios de Raquel Freire, mas, à partida, considerava este um daqueles sonhos "irrealizáveis". Desde o dia em que viu "O Ladrão de Bicicletas" no Teatro de São João, no Porto - saindo em lágrimas - apaixonou-se pela "sétima arte". Agora classifica a sua actividade como "uma das melhores coisas do mundo" e que lhe dá um "prazer enorme".

A par desta paixão, gosta de escrever histórias. A sua curta–metragem "Rio Vermelho", estreada no Festival de Turim, é fruto da sua pena, bem como o próprio "Rasganço" e um projecto futuro intitulado provisoriamente "As Mães".

Embora tenha muitos amigos na Escola Superior de Cinema, Raquel Freire optou pelo curso de Direito na Universidade de Coimbra, por oferecer o "máximo de bases" e ser muito abrangente. Mas não só de estudo vivia a estudante. Esta nova promessa do cinema português conta ter tido uma "vida académica muito preenchida", passando por diversas secções da Associação Académica de Coimbra, incluindo a Rádio Universidade de Coimbra e o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra.

Raquel revela que o filme é um "puzzle" de histórias que se vão entrelaçando, porventura no estilo de "Magnolia", tendo como pano de fundo a Universidade e a cidade de Coimbra. Entre os actores de renome que integram o elenco da película contam-se Luís Miguel Cintra e Isabel Ruth, que desempenham papeis de professores universitários, bem como a Inês de Medeiros, que faz de médica.

As primeiras filmagens decorreram na noite da Serenata Monumental e nos três dias seguintes. O que foi perspectivado como uma cena difícil de filmar pela cineasta, acabou por se decorrer com uma facilidade inesperada, graças à colaboração dos estudantes que aguardavam o início da Serenata. Em Julho, recomeçam as filmagens, que durarão oito semanas.

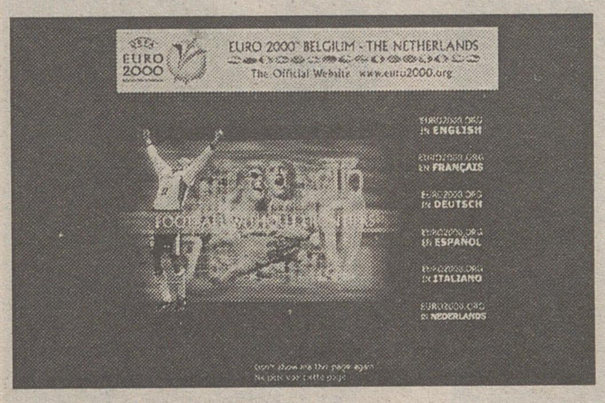
A pré-produção esteve a cargo da Terra Filmes, fundada pela própria de modo a lhe permitir "liberdade máxima" nas suas obras cinematográficas, enquanto que a Madragoa Filmes é a detentora dos direitos de programação, assegurando o decorrer das filmagens. Como directores artísticos, "Rasganço" conta com os talentos de Acácio de Almeida e Vasco Pimentel. Ao mesmo tempo, esta longa-metragem conta com um apoio valioso do Instituto de Cinema, Audiovisual e Multimédia (ICAM) de 130 000 contos.

Esta realizadora espera fazer a estreia nacional em Coimbra, devido aos laços fortes que a uniram à universidade e à academia.

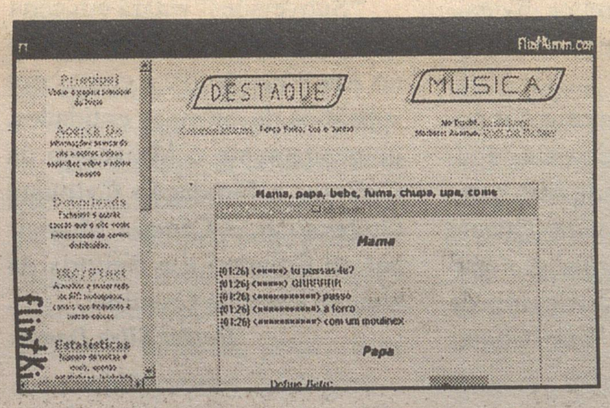
Helder Silva Dantas

LIGUE-SE

Para terminar o ano lectivo aqui vão umas páginas onde reina a boa disposição, e começo com a página "Flintkimm.com". O Flintkimm é uma das muitas pessoas que se pode encontrar nesse grande "jardim zoológico dos humanos" que é a PT Net (rede portuguesa de IRC), pode–se encontrar o autor, Vasco João Hortêncio, no canal #coimbra a "avacalhar" aquilo tudo. Bem, mas concentremo–nos na página, o que nos aparece neste site é a visão do mundo aos olhos do autor, que pelos vistos é bastante cómica e às vezes mesmo doentia. Mas para os



que querem um humor mais sádico temos os Darwin Awards que é um site que entrega prémios (póstumos) a todos aqueles que deram o seu contributo para a evolução da espécie Humana ao morrerem, ou seja, pessoas que fizeram actos tão absurdos que o único contributo para a evolução do homem foi morrerem e não deixarem descendência para não poluírem o património genético. Dentro dos Darwin Awards temos três tipos de prémios, temos o Darwin Award que é o acto absurdo seguido da morte do autor sem deixar descendência (com confirmação de veracidade), temos as Menções Honrosas que são o acto absurdo mas em que o autor sobrevive ou deixa descendência (com confirmação de veracidade) e



depois temos as Lendas Urbanas que são actos absurdos que se contam mas não estão confirmados. Neste site tiramos valiosas lições para a nossa vida quotidiana, como por exemplo: não assaltar lojas de armas (especialmente quando estão cheias de gente com licença de uso e porte de arma), não declarar o nosso amor a uma rapariga dando espectáculo no quintal de casa dela com uma moto–serra ou ,no caso de nos ferir–mos, ir ao médico levar pontos em vez de usar o agrafador que está mais à mão. E para terminar, um site que não tem nada a ver com os anteriores. O site o Euro 2000 está fabuloso, tem informações sobre todas as equipas, o calendário dos jogos, fotos e todo o tipo de estatísticas e comentários acerca dos jogos.

Rui Alves

Flintkimm.com
http://www.flintkimm.com

Darwin Awards
http://www.darwinawards.com

Euro 2000
http://www.euro2000.org

OUVE-SE

Ute Lemper - "Punishing Kiss"

Imaginem–se num cenário de paixões incontroláveis, mergulhados num ambiente urbano e decadente, em que nos consola a voz sensual e quente de uma alemã, misturada com os ruídos nostálgicos do vinil.

Ute Lemper, cantora lírica, secundada pelos Divine Comedy, consegue resgatar, do baú das memórias, temas com leve sabor anos 20, transformando–os em objectos "arte pop".

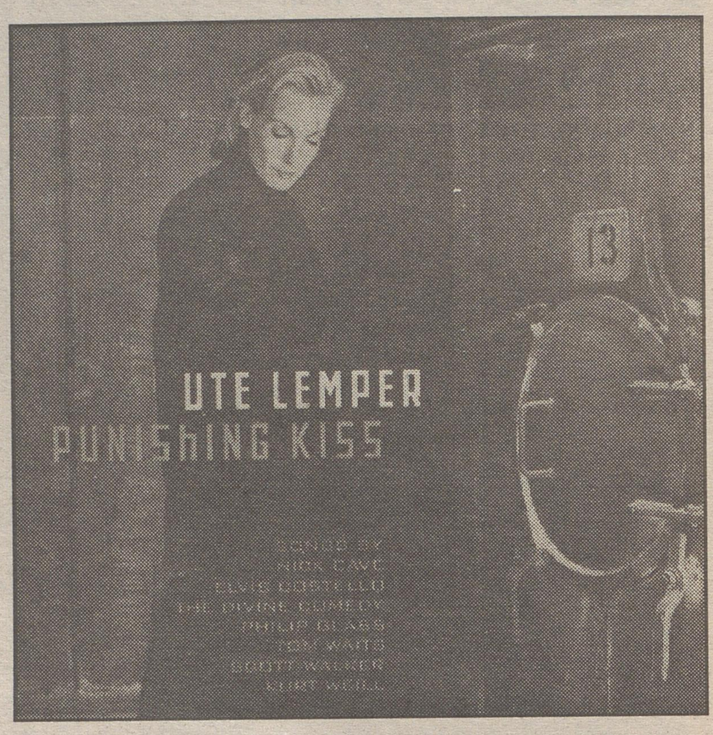
Senhora de uma carreira marcada por incursões teatrais e por interpretações de temas da dupla Bertolt Brecht/Kurt Weill, Ute Lemper decide reunir num álbum, de forma soberba, músicas compostas por Tom Waits, Nick Cave, Elvis Costello, Philip Glass, Kurt Weill, The Divine Comedy e Scott Walker.

Insinuando–se suavemente com a pequena pérola "Little water song" (Nick Cave), transfigura–se de seguida através de um conjunto de músicas de cabaret contemporâneas, teatrais e apaixonantes, revelando cada uma delas a essência de cada autor: Tom Waits, que nos transporta para avenidas cor–de–púrpura mergulhadas em whiskey num bar português qualquer; Elvis Costello para amores perdidos em episódios nocturnos algures em Paris; Philip Glass para a solidão urbana de uns intensos olhos azuis que rapidamente se esquecem de nós; Scott Walker para uma incursão num ambiente pós–II Guerra Mundial, desconcertante e depressivo–decadente.

Os Divine Comedy, para além de colorirem orquestralmente o álbum, acrescentam originais como "You were meant for me","Split" e "The case continues", permitindo a completa e perfeita fusão melódica das vozes de Ute e de Neil Hannon.

Os afortunados que disponham de 18000$ poderão ter o prazer de ouvir esta voz etérea no requinte do Casino da Póvoa do Varzim no próximo mês de Julho. Os restantes (entre os quais nos incluimos) podem continuar a sonhar ouvindo o cd...

Tiago Esteves
Cátia de Oliveira



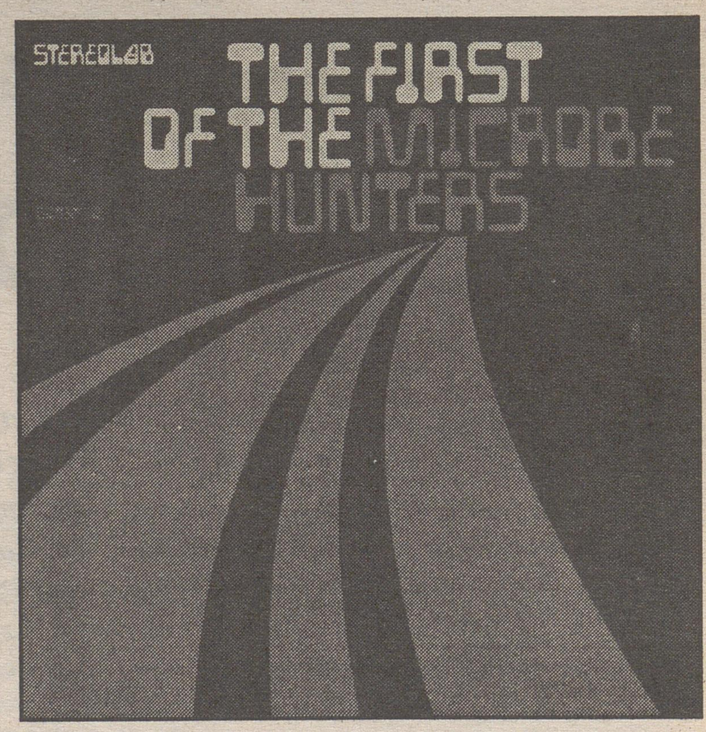
Stereolab "The First of the Microb Hunters" Elektra 2000

Depois de "Cobra and Phases Group Play Voltage in the Milky Night" lançado em 1999, a banda de Tim Gane e Laetitia Sadier regressa com o mini LP "The First of the Microb Hunters", a comprovar uma inesgotável capacidade criativa desta banda nascida nas margens do Tamisa no início dos anos 90.

A musicalidade dos Stereolab abarca influências tão dispares como o loungepop, a bossa nova, passando pelo Kraut–rock sempre com um horizonte melódico com asas para um experimentalismo viciante bem patente neste registo gravado em Janeiro deste ano. Sean O Hagan, antigo membro da banda e actual "frontman" dos High Lamas tem à semelhançade outros álbuns, um papel relevante no Mini LP ao gravar o disco e ao compor o tema de abertura "Outer Bongolia", uma faxa de nove minutos que nos introduz ao mundo livre e experimental dos Stereolab.A doçura da melodia pop é reactivada logo em "Intervals" ou em "Barock–Plastik" a fazer lembrar os bons mometos de "Emperor Tomato Ketchup" um dos melhores discos de uma carreiraque conta já com nove álbuns de originais e inúmeros EPs e compilações de raridades. O omnipresente toque francófono marca lugar em "Momus et Phusis" fruto da língua natural de Laetitia Sadier, uma voz deleitante que conjugada com as composições inusitadas de Tim Gane coferem aos Stereolab uma sonoridade única e um lugar de destaque na música alternativa dos anos 90 e dos que se seguem. "Retrogade Mirror Form" encerra o disco e retoma a o experimentalismo pop que atravessa a estática da banda.

"The First of the Microb Hunters" vem acrescentar mais um feliz capítulo ao percurso de uma banda que já nos visitou num festival de Verão no ano passado, onde deixou um rasto de delícia num concerto de curta duração, que deixou no ar uma irresístivel vontade de poder assistir a um concerto dos Stereolab por inteiro.

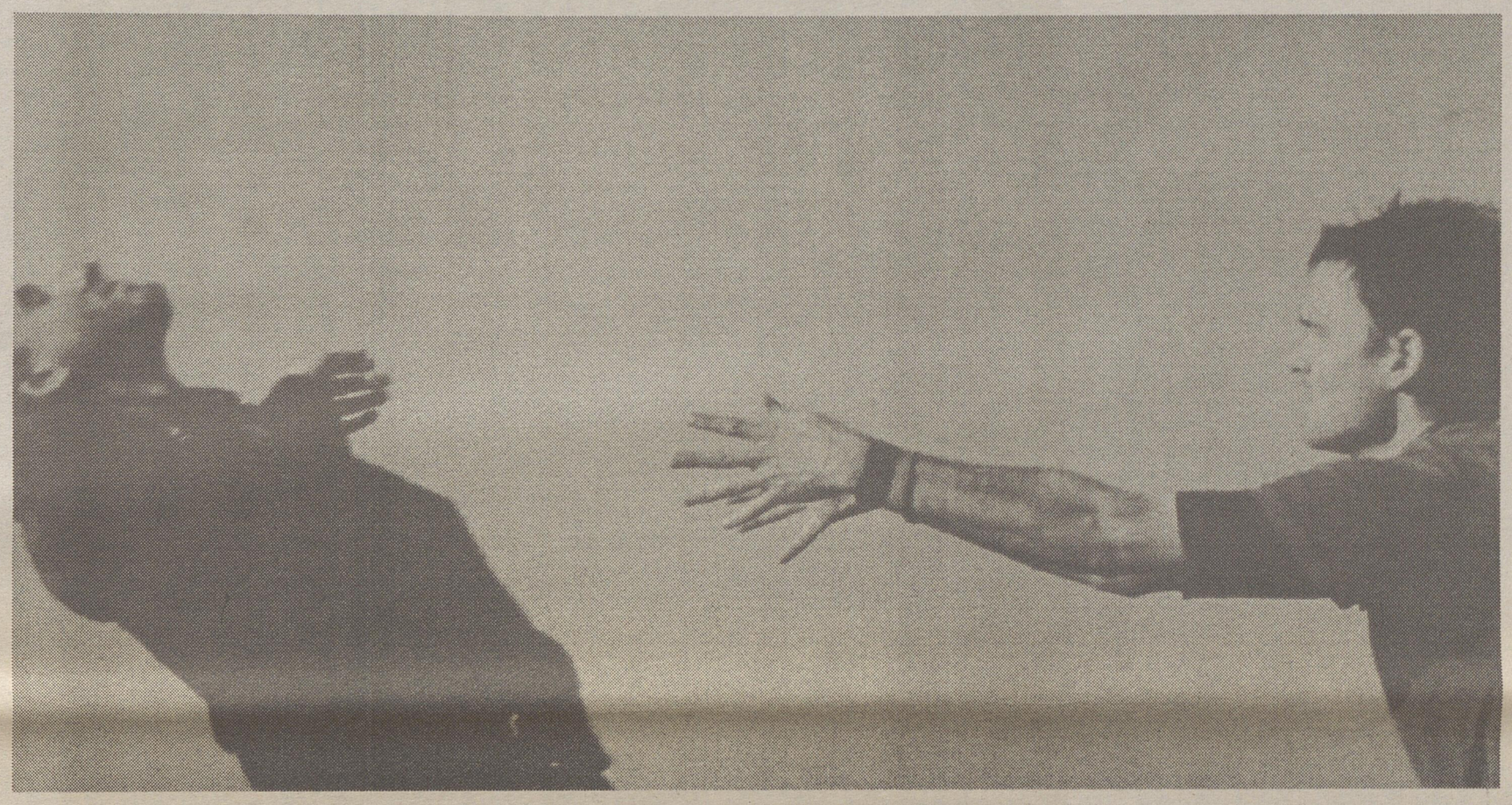
José Carlos Santos



feitas

VÊ-SE

"The Million Dollar Hotel" - de Wim Wenders



Responsável por uma longa filmografia, Wim Wenders construiu um percurso singular a partir de obras–primas como "As Asas do Desejo", verdadeiros fracassos como "Lisbon Story" e ainda um bem sucedido documentário - "Buena Vista Social Club".

Com "The Million Dollar Hotel", comprova–se que o realizador alemão também sabe fazer videoclips. De facto, este é um filme profundamente marcado pela música e, em especial, pela omnipresença de Bono Vox. Em parceria com o escritor Nicholas Klein, o cantor é o responsável pelo argumento pop de uma obra assinada pela mestria competente de Wenders.

O enredo parte de uma ideia simples: Izzy, filho de um milionário, morre em circunstâncias estranhas num hotel de transviados. Todos os residentes tornam–se suspeitos aos olhos de um agente do F.B.I. obsecado pela investigação.

Adoptando um registo surreal e quase cómico, Wim Wenders começa por explorar os gags entre as variadas personagens que habitam o "The Million Dollar Hotel" de Los Angeles do ano 2001. Numa segunda parte, o realizador coloca num plano secundário o índio, o quinto elemento dos Beatles e os restantes alienados para dedicar–se a Tom Tom (Jeremy Davies) e Eloise (Milla Jovovich). O invulgar par romântico dá–lhe oportunidade de enveredar pelo tema dos limites da sanidade, da possibilidade do amor e, acima de tudo, do sentido da vida.

A figura do detective Skinner (Mel Gibson) surge como o elemento do exterior que, apesar da aparente hostilidade, esconde também algumas cicatrizes e uma dolorosa instabilidade emocional. Da mesma forma, a televisão funciona como veículo para o mundo real e, por isso mesmo, exerce um enorme fascínio e curiosidade sobre os habitantes do "manicómio".

Tom Tom e Eloise, únicos detentores dos segredos de Izzy, são quem proporciona os momentos mais belos, poéticos e plenos de inocência bem longe da euforia da investigação que decorre numa cidade repleta de pessoas a viverem de ilusão e a acreditarem em coisas que não existem.

Quanto à prestação dos protagonistas, há a salientar a postura discreta mas eficaz de Mel Gibson, a interpretação que evita o ridículo do desconhecido Jeremy Davies e o olhar ausente de Milla Jovovich, uma boneca de porcelana que anda descalça na rua.

"The Million Dollar Hotel" nasceu de uma ideia interessante e tinha tudo para ir mais além... mas não foi. Contudo, vale sempre a pena a estadia de duas horas neste hotel que não surpreendendo, também não desilude.

João Vaz Silva



FOTO MONTEIRO

Na revelação de 24 ou 36 fotos oferta de :

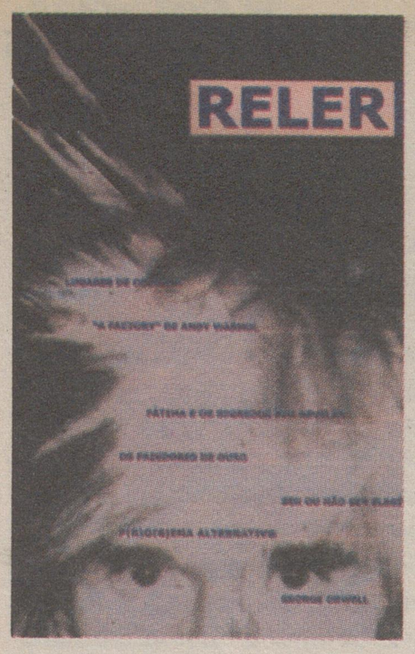
* 1 rolo,
* 1 álbum,
* 1 Ampliação 20x30

Revelação em 30 minutos

Após a 6ª revelação oferta da 7ª

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915

Estúdio oficial da Queima das Fitas 2000



Revista em Letras

"RELER" é o título da Revista dos Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra(FLUC), um projecto já com alguns anos que vê no mês de Junho a edição do nº 0. A edição da RELER parte dos alunos do Conselho Directivo da FLUC que revela um cuidado arranjo gráfico e textos sobre variados assuntos. Nas 36 páginas da Revista podemos encontrar artigos sobre Ecologia, Política Educativa, Arte, Literatura, Desporto, Teatro ou Música numa publicação com distribuição gratuita.

Recital no TAGV

Terá lugar hoje, dia 29 de Junho, no Teatro Académico de Gil Vicente, o recital de piano "Paris 1900". Este recital a quatro mãos estará a cargo de Filipe Pinto Ribeiro e Rosa Maria Barrantes. O espectáculo a cargo destes dois estudantes do Conservatório Tchaikovsky- eleportuense, ela de origem peruana- tem o seu início marcado para as 21h45.



Nas últimas duas semanas, foram centenas aqueles que fizeram dos jardins da AAC um pequeno estádio de grandes emoções. Pelos 9 monitores chegaram diariamente imagens que prenderam muitos dos que, normalmente, já faziam dos jardins o seu local de eleição aquando da chegada dos dias mais quentes a Coimbra. Assumindo, para uns, uma importância a nível geopolítico, para outros, um simples jogo de excessiva e inexplicável importância sociológica, o facto é que o Campeonato Europeu de futebol tem suscitado uma tal unanimidade de atenções que nos obriga a lhe reservar este espaço. E, pelo menos até dia 2 de Julho, os olhares nervosos permanecerão fixos não nos livros e apontamentos, mas nas imagens e sons que chegam de um estádio algures no centro da Europa.

Teatro clássico

Através da iniciativa do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras (IEC) e da Liga de Amigos de Conimbriga, estão aí os II Encontros de Teatro de Tema Clássico (ETTC). A decorrer entre Junho e Setembro, em vários locais no distrito de Coimbra, inclusive em Viseu e em Braga, este acontecimento pretende incitar o gosto popular pelo teatro da raíz clássica. Ao mesmo tempo, a organização tem o propósito de animar espaços museológicos como as ruínas de Conimbriga e o Museu Machado de Castro.

O trágico e o cómico marcam lugar nas peças de Plauto ("O Soldado Fanfarrão" e "Epídico") e Eurípedes ("As Troianas" e "Andrómaca"), cujos textos ainda têm um carácter actual devido aos valores e ideais neles presentes. Histórias de heróis e deuses integram os trabalhos dramáticos de grupos nacionais e um grupo espanhol em encenações que já tiveram uma boa receptividade pública noutras ocasiões.

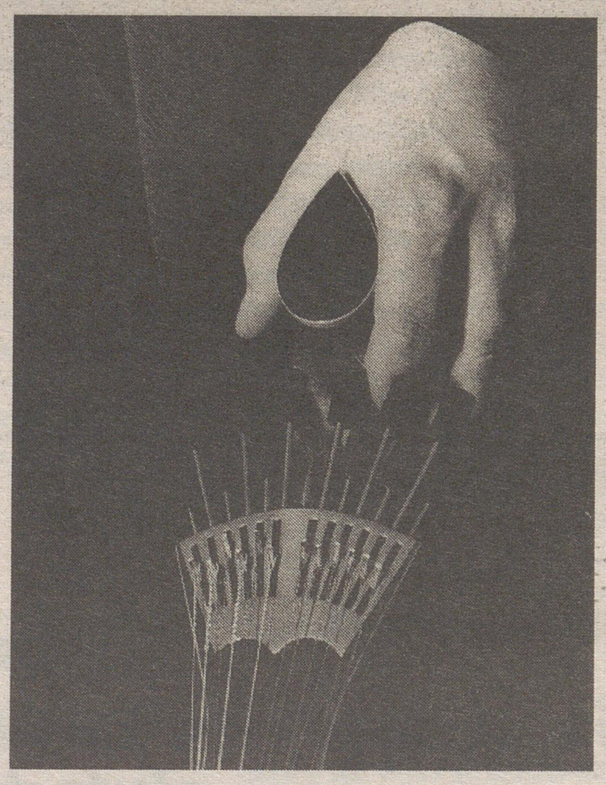
Isto na sequência do Festival de Teatro Escolar de Tema Clássico que sucedeu em Maio este ano. Deste festival, repetem–se a maioria das peças para os ETTC, num esforço de carácter pedagógico. Apesar dos poucos incentivos económicos, José Ribeiro Ferreira acredita poder aliciar as camadas mais jovens da população, para um vivência recreativa e cultural no âmbito do teatro greco–latino. Por sinal, o ressurgimento do interesse por esta área da cultura já vem de há alguns anos.

Destaque para "Epídico" de Plauto,pelo Grupo Thiasos do IEC, que será encenada na Praça 8 de Maiono dia 1 de Julho, pelas 21h30 e, também,"As Troianas" às 21h00 do dia 6 de Julho, no Museu Machado de Castro, pelo Grupo Balbo de Cádis.

Fotografia vezes dois

O terraço do edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC) e a guitarra de Coimbra, são os temas de duas exposições de fotografias de Paulo Abrantes que têm hoje início.

"Visto de Cima" é o resultado das fotografias de Paulo Abrantes no cimo do edifício da AAC. Esta exposição estará patente a partir de hoje no terraço do edifício da AAC e é uma organização do Pelouro da Cultura da Direcção–Geral da Associação Académica no âmbito do programa "Vem conhecer a academia". As doze fotos a preto e branco que estarão expostas das 20h00 às 2h00 pretendem transmitir a arquitectura do espaço , que, segundo o autor, é fortemente marcado por uma triangulação, "é tudo em bico". Pode ser vista durante o mês de Julho.





Simultaneamente, "7 notas fotográficas sobre a guitarra de Coimbra" terá lugar no bar da AAC e será realizada no âmbito da comemoração dos 20º Aniversário da Secção de Fado. De acordo com as palavras de Paulo Abrantes esta obra surge "pelas inúmeras estadas no laboratório de fotografia da AAC, onde o único som que ousa transpor a obscuridade do local e juntar–se à solidão de quem lá permanece, é o das guitarras de Coimbra. Para descobrir se: "afinal há semelhanças entre dedilhar delicadas cordas e premir um botão, congelando as luzes e momentos".